



FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

Vestígios transgressores

*Análise do fenómeno do criptojudáismo como ilustração
da problemática da imagem na prática religiosa*

Ricardo Moura

.

Dissertação para obtenção do grau de **Mestre**

Orientador:

Prof. Dr. Heitor Alvelos

Prof. Dr. José Bartolo (co-orientador)

Prof. Dr. Adriano Rangel (co-orientador)

Porto, 2009

Aos Cristãos-novos.

✧ *À memória de Amélia Henriques Morão.*

Agradecimentos

Professora Doutor Elvira Mea

Professor Doutor Ferrão Filipe

Professor Doutor José Bartolo

Professor Doutor Heitor Alvelos

Professor Doutor Adriano Rangel

Rabino Eliahau Birnbaum (Shavei Israel)

Aliza Moreno Goldshmidt

Inácio Steinhardt

Miguel Vaz

Miriam Assor

Comunidade Israelita do Porto

Comunidade Israelita de Belmonte

Comunidade Israelita de Lisboa

Rabino Eliezer Shai

Rabino Elisha Salas

Rabino Daniel Litvak

Jonas Andrade

Luciano Moura, meu pai

Sumário

Dedicatória	2
Agradecimentos	3
Introdução.....	6
<i>Contexto histórico</i>	6
<i>Universo de estudo</i>	7
Metodologia	8
Pressupostos	10
<i>Especulação</i>	10
<i>Arqueologia</i>	11
<i>Fonética</i>	11
<i>O Sagrado</i>	11
<i>O conceito de proibição</i>	12
Mapa de actividades existentes no processo de investigação	13
Capítulo 1 Identidade.....	16
<i>Não imagem</i>	17
Capítulo 2 A Imagem do Judeu na Cultura Popular	20
<i>Morte de Cristo</i>	20
<i>A atribuição de características sanguinárias, sinistras e monstruosas aos Judeus....</i>	23
Capítulo 3 Imagens e não-imagens	28
<i>Primeira: Os dias da Semana</i>	28
<i>Segunda: Os Dez Mandamentos</i>	30
<i>Terceira: Cântico da Páscoa</i>	33
<i>Quarta: Um olhar de quinhentos anos</i>	36
<i>Quinta: Shabat, Sábado ou Sétimo Dia</i>	38
<i>Tradição Criptojudáica</i>	42
Capítulo 4 Componente Prática	44

Conclusão	45
Referências Bibliográficas.....	48
Anexos	52
<i>Anexo I 39 Proibições de Shabat.....</i>	<i>52</i>
<i>Anexo II Barros Basto, por Inácio Steinhardt</i>	<i>53</i>
<i>Anexo III Sobre a Torah, por Luís Filipe Sarmento</i>	<i>56</i>
<i>Anexo IV História da Sinagoga Mekor Haim, Porto.....</i>	<i>62</i>
<i>Anexo V Les Derniers Marranes.....</i>	<i>65</i>
<i>Anexo IV Lápide da Antiga Sinagoga de Belmonte (Final do Século XIII).....</i>	<i>66</i>
<i>Anexo VII Dez Mandamentos, Êxodo 20 (Shemot 20)</i>	<i>67</i>
<i>Anexo VIII Parashot da Torah.....</i>	<i>68</i>
<i>Anexo IX 13 princípios do judaísmo de Maimonides.....</i>	<i>69</i>
<i>Anexo X os Dez Mandamentos.....</i>	<i>70</i>
<i>Anexo XI Cântico de Moises (Exodo 15)</i>	<i>76</i>
<i>Anexo XII Samuel Schwarz, por Inácio Steinhardt</i>	<i>78</i>
<i>Anexo XIII Fichal Sagrado na Sinagoga de Belmonte</i>	<i>80</i>

•

A presente dissertação – sobre a temática da problemática da imagem num contexto religioso e cultural português – enquadra-se no Mestrado de Design da Imagem, na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, devido ao objectivo essencial deste, que se debruça sobre o pensar a imagem no espaço mediático, tendo em conta a sua importância como linguagem transversal na cultura e a sua actuação na crescente complexidade dos dispositivos existentes.

É possível depreender que na sociedade ocidental contemporânea poderá ser real a procura de uma hegemonização do pensamento e do comportamento social. Os hábitos de consumo supérfluos espelham a imagem do pensamento alienado, consumido por valores dissonantes à cultura e à identidade de uma sociedade. Também, o facto de o consumo associado ao mundo das imagens ser uma regra, tornando-se por hipótese num valor continuado na conduta do indivíduo, qualquer fuga a esse hábito poderá ser adjectivado como um “acto transgressor”.

Assim, re-escrever a História e subverter os valores culturais, no intuito de fomentar e acelerar a dinâmica do mercado, torna-se uma tentação dos órgãos difusores da imagem associada ao consumo. Como se tratasse de uma conversão do próximo ao ideal da maioria, ignorando a diversidade cultural e valores religiosos.

O Design da Imagem, como disciplina de reflexão sobre a linguagem visual e promotora do exercício da literacia da imagem, poderá responder à necessidade de proteger a cultura, e a sua identidade, abafada pelo fenómeno de adulteração, e conversão comportamental, perante as raízes culturais existentes.

Através de um exercício fenomenológico sobre a temática de transgressão religiosa, aproveitando vestígios culturais observáveis, por análise comparada e por escassa documentação existente, pretende-se extrair das profundezas da memória a importância da imagem, e da não imagem, no contexto do pensamento único na dinâmica cultural, inserido num determinado território, que desagua na contemporaneidade.

Contexto histórico

O termo *Bnei Anusim* significa em hebraico “os filhos dos forçados”, remetendo aos actuais descendentes dos *cristãos-novos*, *marranos* ou *criptojudeus*, forçados à conversão ao cristianismo entre os finais do século XV e princípio do século XVI em Portugal e em Espanha. Esta conversão forçada seria a única forma de sobrevivência à perseguição da Inquisição, que de outra forma condenaria os Judeus à morte ou à expulsão do território peninsular.

O criptojudaísmo é, ou era, uma subversão das regras religiosas impostas pelo poder da Inquisição, às quais os Judeus estavam sujeitos, procurando manter a memória, de forma secreta,

da sua identidade. O judaísmo tem rituais muito particulares, cuja identificação é possível pela conjugação de comportamentos e rituais específicos, que para um observador conhecedor dessa prática e designado ao papel de perseguidor, proporcionava o risco de vida aos Judeus, sobretudo nesse período da História peninsular.

Como preservaram a memória os que não fizeram a “*diáspora da diáspora*”ⁱ? A maior evidência é exactamente a não evidência: adaptar comportamentos dos permitidos, fazendo destes uma camuflagem para uma prática religiosa que se tornaria então *transgressora*. A imagem é irremediavelmente difusa e susceptível a especulações que são próprias de uma memória social.

Assim, propõe-se uma reflexão, e um desenterro, de vestígios transgressores desta prática religiosa, analisando e comparando com pressupostos complexos a ela associada, e mediatiza-la através dos dispositivos interactivos existentes.

Universo de estudo

A investigação debruça-se preferencialmente na herança criptojudáica do Concelho de Belmonte, no Distrito de Castelo Branco, e no Nordeste Transmontano. Como suporte institucional, a Comunidade Israelita do Porto é imprescindível para materializar a presente investigação, pelo seu espólio documental e o legado do Capitão Barros Bastoⁱⁱ, figura imprescindível no contexto do denominado “resgate dos marranos” no século XX. •

i Os Judeus já viviam numa diáspora da terra de Israel.

ii Ver Anexo II

Preferencialmente optou-se por uma **metodologia qualitativa, empírica**, onde a observação participativa foi praticamente predominante.

Tratando-se, na sua essência, de uma investigação **fenomenológica** - no intuito de entender a realidade não permanente (tendo em conta os ciclos históricos e idiossincráticos), focalizar as exceções às regras (interpretações pessoais dos inquiridos) e clarificar as diferenças de opinião, procurando **manter uma distanciamento analítica e humanista** -, existiram momentos de participação comprometida que se mantêm numa dimensão privada.

Pelos pressupostos que serão descritos, o problema das entrevistas é, em grande medida, não seguirem modelos convencionais, visto que aconteceram em momentos informais ou em momentos rituais, o que dificulta o entendimento da proveniência das fontes.

Contudo, durante o processo de investigação fenomenológica, interessou reforçar a contextualização recorrendo ao conhecimento atestado, através da leitura e análise bibliográfica.

Como suporte documental mais relevante nesta investigação foi o recurso, com especial ênfase, ao documentário / filme “Les Derniers Marranes”, de 1991:

Sobre **Les Derniers Marranes**ⁱ (1991) de Frédéric Brenner e Stan Neumann

Este filme é uma obra especialmente importante para a temática da imagem do cripto-judaísmo, porque não só faz um levantamento documental de vídeo como faz a análise comparada com o ritual Judeu Ortodoxo. Grande parte do documentário debruça-se sobre o território mais paradigmático do cripto-judaísmo em Portugal, a localidade Belmonte, no distrito de Castelo Branco.

Inácio Steinhardtⁱⁱ é uma figura importante deste documentário, visto ser ele uma ponte de ligação entre o discurso narrativo do filme e o diálogo com descendentes de cripto-judeus, judeus e outras figuras relevantes. (Durante este processo de investigação, graças à preciosa ajuda da Professora Elvira Mea, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi possível conversar, em algumas oportunidades, com Inácio Steinhardt, que contribuiu para entender a autenticidade das suas palavras e ajudar a fazer uma ponte temporal entre a data do documentário e a actualidade.)

Este documentário anuncia, em repetidas ocasiões, imagens de vestígios de rituais, outrora transgressores, ou cripto-judeus. Através de entrevistas, é possível testemunhar as interpretações que os herdeiros dão a determinadas tradições e a prática que ainda existe (sobretudo numa população mais idosa).

i <http://www.imdb.com/title/tt0101712/>. (Ver Anexo V)

ii Para mais informações sobre Inácio Steinhardt visite o sítio: <http://www.steinhardts.com/>

Também é referido aspectos da imagem preconceituosa dos não-judeus que ainda vigoram, e as ramificações a outros universos e outras memórias.

No final existe uma especial atenção a uma família de criptojudéus que se deixam filmar a praticar o ritual da Santa Festa, cuja raiz judaica é evidente. Foi ainda possível aceder a filmagens não editadas, e integrais, de alguns momentos chave do documentário, devidamente comentadas e comparadas com os rituais ortodoxos e com a teologia judaica. (Embora ainda hoje seja criticada essa abertura à captação videográfica, por parte de alguns judeus e criptojudéus da região, como será demonstrado na presente investigação).

A recolha etnográfica de Samuel Schwarzⁱ - intitulada “Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX, do volume IV da “Arqueologia e História” da Associação de Arqueólogos Portugueses, em 1925 – que faz o primeiro registo documental do fenómeno do criptojudaísmo em Portugal, é igualmente importante como suporte demonstrativo de investigação comparada.

Paralelamente a esta bibliografia, para o auxílio ao entendimento do outro pólo de comparação, a publicação “O Ser Judeu”, da responsabilidade do Rabino Hayim Halevy Donin, é um objecto fundamental na descrição dos rituais religiosos do Judaísmo Ortodoxo. Embora, para este pólo, a presença nas aulas de teologia (*Beit Midrash*), na Sinagoga do Porto, foi determinante para a compreensão mais profunda desta filosofia religiosa. •

i Sobre Samuel Schwarz ler artigo sobre o autor, escrito por Inácio Steinhardt, no Anexo XII

Registos

Para uma investigação participativa dentro da temática religiosa, sobretudo da judaica, é necessário prever obstáculos devido à susceptibilidade característica desta cultura.

A investigação sendo comparada entre uma perspectiva enquadrada na Ortodoxia Judaica e a criptojudaica, que é o objecto de análise, que está num processo de mutação acelerada cuja meta é a aglutinação da primeira sobre a segunda, então existem regras que o investigador deverá estar sujeito. Entre elas está o registo de imagem, de som e até escrito em determinados dias, como o Sábado (*Shabat*), os dias de festa (*Yom Tov*)ⁱ, como a Páscoa Judaica (*Pessach*), e dias de introspecção e luto, como o *Yom Kipur*ⁱⁱ. Em todos esses dias, na perspectiva Ortodoxa, estão inerentes grande parte das proibiçõesⁱⁱⁱ relativas ao *Shabat* que, por exemplo, dentro de uma interpretação contemporânea, o judeu não poderá fazer acções que modifiquem comportamentos da natureza, como acender um fósforo, premir um interruptor de luz ou um botão de uma máquina fotográfica.

Assim, o registo das palavras, dos rituais, das cantigas, deverão ficar registados na memória ou então o investigador transgride voluntariamente a ética do seu objecto de estudo. Esta investigação seguiu o princípio do respeito pela integridade cultural e religiosa, abrindo duas excepções: os registos documentais do documentário “Les Derniers Marranes”, de Frédéric Brenner e Stan Neumann, onde foram captadas imagens e sons dos rituais criptojudaicos, juntamente com valiosas e extraordinárias entrevistas (numa perspectiva de recolha de elementos identificadores e idiossincráticos de uma cultura envolvida de um secretismo muito particular), na década de 1980 e no levantamento etnológico realizado por Samuel Schwarz, publicados nos volumes “Arqueologia e História” da Associação de Arqueólogos Portugueses em 1925. Estes documentários ainda hoje são referidos em Belmonte, por alguns residentes mais susceptíveis, como uma intromissão grosseira da privacidade das famílias... No entanto foram estas, e outras investigações, que desenterraram esta cultura criptojudaica que é fundamental para a compreensão de identidades colectivas do nosso território.

Especulação

O problema da especulação é uma tónica do estudo do criptojudaísmo, muito embora essencial como ponto de partida para uma investigação sobre esta temática. Um exemplo paradigmático é considerar que os nomes de família provenientes de árvores de frutos, e de toponímias, são de descendência judaica. Hoje existem estudos e afirmações de autoridades académicas que

i *Yom Tov* significa literalmente “Dia Bom”. É equivalente a um feriado religioso.

ii O Dia do Perdão judaico. Neste dia todos os judeus deverão fazer um jejum de 25 horas a partir do pôr-do-sol do dia anterior.

iii Ver Anexo I

Arqueologia

Outro problema relevante no criptojudáismo é a sua arqueologia. Da pouca que existe, resume-se a pequenos objectos que facilmente se misturam na cultura popular. A documentação oficial é escassa ou simplesmente não existe. Os censos, durante séculos, estavam a cargo de registos paroquiais. Sendo um ritual transgressor e perseguido, primeiramente pela Inquisição, e posteriormente pelo preconceito, jamais poderia existir como identidade oficial. Dos poucos objectos arqueológicos que os judeus de Belmonte preservam, e que tem uma relevância importante na sua identidade, é uma pedraⁱ pertencente a uma antiga sinagoga (e que hoje é guardada na Sinagoga Bet Eliahu de Belmonte).

Fonética

Na presente dissertação poderá haver confusão fonética na conjugação “ch” quando se escreve uma palavra hebraica transliterada que contenham as letras “n” (*Chet*) ou “כ” (*Chaf*) do hebraico. O som, na realidade, não existe na língua portuguesa. (Existe no castelhano como “j”, que é um som aspirado.)

Por opção colocou-se grande parte das expressões e hebraico de forma transliterada, excepto quando seja estritamente necessário para a compreensão de um determinado conceito.

O sagrado

A utilização do nome de Deus (יהוה) é muito importante no contexto judaico. Existem várias designações mas, tendo em conta o princípio teológico da não utilização do nome em vão, os judeus num contexto informal utilizam o termo *HaShem*, que significa literalmente “O Nome”. No entanto, a designação “*Adonai*” (אדני), uma importante referência a Deus (designação que é unicamente referenciada literalmente na primeira palavra da oração da *Amidá*ⁱⁱ, no *Sidur*ⁱⁱⁱ) que os Rabinos não aconselham usar num contexto fora de oração mas, neste contexto de estudo, será referenciado por motivos de análise comparativa.

Um aspecto importante é que não existem *objectos sagrados*, físicos, no judaísmo. Mesmo o rolo da *Torah*, o *Sefer Torah*^{iv}, não é sagrado, nem tampouco a tinta das letras. Só o conteúdo, *a palavra*, é sagrado.

i Ver Anexo IV

ii Oração central da liturgia judaica, que significa “estar de pé”, na direcção de Jerusalém, e que é dita, em silêncio, em todas as orações diárias (*Shacharit*, *Minchá* e *Arvit*)

iii Livro de orações e benções, cujo o significado se refere à ordem e à conduta do judeu nas acções diárias.

iv *Sefer Torah* são os Rolos manuscritos do *pentateuco* que são guardados na Arca que se encontra no lado nascente (ou orientado para Jerusalém noutras partes do globo terrestre) da Sinagoga.

O conceito de proibição

O conceito de *proibição*, que é repetido em várias ocasiões nesta investigação, não é uma proibição susceptível à punição primária e muito menos à punição de contornos judiciais à luz de uma lei religiosa. Pelo contrário, a *proibição* refere-se ao não se *deve fazer* onde a *consciência*, proveniente de uma aprendizagem sistemática, será o principal juízo. (Como analogia, poderemos comparar com o Código da Estrada. Se o automobilista exceder o limite de velocidade poderá não lhe acontecer nada, no entanto o risco de ter um acidente é mais provável. Tudo depende da consciência e do civismo do *transgressor*.) •

Mapa de actividades existentes no processo de investigação

13

Durante o processo de investigação existiram momentos culturais, momentos académicos, diálogos, participações em eventos e celebrações que contribuíram para enriquecer a tese de mestrado.

Com excepção de eventos, como assistir a uma peça de teatro, assistir a uma aula ou ver um filme, em que o investigador foi um mero espectador, todos os outros eventos foram de carácter participativo.

11 de Novembro 2008

Teatro | O Mercador de Veneza de William Shakespeare
Teatro Nacional São João — (enc.) Ricardo Pais

13 Novembro 2008

Conferência | Tu Judeu e eu Judeu com Elvira Mea & Richard Zimler
Teatro Nacional São João

26 Novembro 2008 e 02 Dezembro 2008

Conversas com a Prof. Dra. Elvira Mea, que lecciona disciplinas relativas à cultura judaica na Península Ibérica, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto [FLUP]

13 Dezembro 2008

Aula / Conferência | Abraham Haim (Universidade de Jerusalém, Israel): 60 anos do Estado de Israel na Faculdade de Letras da Universidade do Porto

17 Dezembro

Conversa com o Prof Dr José Ferrão Filipe, Presidente da Comunidade Israelita do Porto na Comunidade Israelita do Porto e professor no Instituto Português de Administração de Marketing

19 Dezembro 2008

Visita à Sinagoga Mekor Haim com a Prof. Dra. Elvira Mea (FLUP) na Sinagoga Mekor Haim (Porto)

Janeiro 2009

Filme | *Les Derniers Marranes* (1990) de Frédéric Brenner & Stan Neumann. Com a participação e narração de Inácio Steinhardt

04 Fevereiro 2009

Pequena conferência sobre o Retorno dos “anusim” ao Povo de Israel com o Rabino Eliahu Birnbaum (Shavei Israel) & Michael Freund (Shavei Israel) na Comunidade Israelita do Porto.

13 e 14 Março 2009

Participação em todos os Serviços Religiosos do “*Shabat*” (Cabalat *Shabat*, Shacharit de *Shabat*, Mincha de *Shabat* e Avdalah) na Sinagoga de Belmonte e encontro com famílias de criptojudéus.

15 Março 2009

Conversa com o responsável do Museu Judaico de Belmonte, Miguel Henriques Vaz.

08 de Abril 2009 (15 Nissan 5769)

Seder de Pessach (Páscoa Judaica) na Sinagoga do Porto com a leitura completa da *Hagadá de Pessach*.

13 de Abril 2009

Pequena conferência, com o Dr Ari Greenspan, de Jerusalém, na Sinagoga do Porto, sobre a história do Pão ázimo (מצה) na Península Ibérica: a sua produção ancestral e actual; os registos da sua feitura na arte visual.

15 de Abril

Filme / Musical | *From Toledo to Jerusalem* (1989), de Shmuel Imberman. Com a participação de Yehoram Gaon

2 de Maio 2009

Conferência “Judaísmo - Marranismo: Duas faces duma identidade”, II Jornadas de História Local, Vimioso (1, 2 e 3 de Maio). Com intervenções, entre muitas, de Inácio Steinhardt (Comunidade Israelita de Lisboa e narrador do filme “Les Derniers Marranes”) e de Elvira Mea (Professora de Estudos Judaicos e Sefaraditas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

4 de Maio 2009

Visita à judiaria do Porto e à antiga sinagoga da Rua de São Miguel, onde se encontra um possível *Echal*, com a Prof Dra Elvira Mea, Inácio Steinhardt e David Israel.

29 de Julho 2009

Visita às freguesias de Carção e Argozelo, no concelho de Vimioso, com o Rabino Daniel Litvak da Shavei Israel.

Entre Novembro de 2008 e Julho de 2009

Participação nas aulas sobre a teologia hebraica (*Beit Midrash*) na Sinagoga do Porto

•

בְּרֵאשִׁית, בָּרָא אֱלֹהִים, אֶת הַשָּׁמַיִם, וְאֶת הָאָרֶץ.

A identidade e a memória são a base conceptual da temática do criptojudaísmo e dos *Bnei Anusim*. Se por um lado existe a prática de uma memória cujo indivíduo desconhece o motivo das tradições ensinadas pelos seus ascendentes, por outro existe a procura de se aliar à “velha família”ⁱ na identidade religiosa ou na identidade cultural. Esta aliança poderá se designar como um *Retorno*. Um *Retorno* da escuridão para uma luz que é a identidade. A memória escrita nas entrelinhas das tradições, dos ditados, no palimpsesto comportamental dos velhos e dos vivos de outrora, trouxeram essa identidade aos vivos actuais. Intacta. Tal como a *Torah*ⁱⁱ, os cinco primeiros livros da Bíblia, que tem 70 leituras (segundo os cabalistas), é preciso conhecer, relacionar e interpretar para que se desenterre os códigos e a linguagem registada na memória.

Como dizia o Rabino Eliahu Birnbaum, numa pequena cerimónia de certificação de *Retorno* dos *Bnei Anusim* à tradição judaica Ortodoxaⁱⁱⁱ, a “*Esperança não é apenas o slogan de Barack Obama*” – não é somente o novo paradigma da civilização como mecanismo inteligente para a resolução dos problemas, desta vez não dos do mundo, mas os morais e existenciais do ser humano. A *Esperança* é uma palavra associada à temática dos *Bnei Anusim*, porque a memória foi alimentada pela esperança de um dia poder “retornar” ao Povo de Israel. A *Esperança*, continuando, segundo o mesmo Rabino, também é a base teológica da narrativa dos quarenta anos do deserto. Porque é que *HaShem*^{iv} não indicou a Moché^v um caminho mais curto para a *Terra Prometida*? Não será que se tudo fosse tão simples, e tão fácil, como oferecer o caminho mais rápido entre o Egipto e Israel, correria o risco de uma ideia se tornar desinteressante ou mesmo desvalorizada? A *grande força* do Povo Judeu poderá residir na fórmula da *Esperança*, onde a *meta* é bem menos importante do que o *caminho* para a atingir. Onde, provavelmente, segundo o mesmo Rabino de Jerusalém, a *Esperança* da vinda do *Messias* será mais importante do que a vinda propriamente dita.

Toda esta metáfora não será uma explicação para a existência de um Povo, demasiadas vezes perseguido, vítima de genocídios, de autênticos holocaustos – como o Massacre de Lisboa em 1506 e, tão proximamente, a vergonha histórica dos Campos de Concentração NAZI durante a Segunda Guerra Mundial –, de propaganda de desinformação de cariz judiofóbico, e anti-semita, que ainda hoje, em certos lugares, persiste de forma vigorosa?

i O Juadísmo Ortodoxo

ii Sobre a *Torah* ver Anexo III

iii 4 Fevereiro 2009 – Cerimónia Religiosa e pequena conferência sobre o Retorno dos “anusim” ao Povo de Israel com o Rabino Eliahu Birnbaum (Shavei Israel) & Michael Freund (Shavei Israel) na Comunidade Israelita do Porto

iv “*HaShem*” quer dizer literalmente “o Nome”. Os Judeus procuram não O pronunciar fora da oração, cumprindo assim o terceiro mandamento: “Não tomarás o nome de *HaShem*, teu Deus em vão, porque *HaShem* não absolverá ninguém que tome o Seu Nome em vão.”. Outra forma de Lhe dirigir é atribuindo a designação “*O Eterno*”.

v Moisés em Hebraico

Inácio Steinhardt, numa conferência em Vimiosoⁱ, acerca da temática do Marranismo ou dos *Bnei Anusim*, referiu um aspecto, provavelmente banal entre os intelectuais judeus: porque é que os judeus, em determinados momentos críticos, preferiram morrer, fugir, refugiar-se, do que negarem a sua identidade religiosa? Porque, por certo, se negassem estariam a condenar a memória à morte. Assim, *a palavra morreria e a mensagem de Deus desapareceria*. Por isso, manter o cumprimento das *Mitzvot*ⁱⁱ, como *guardar o Shabat*, de forma escondida ou não, mesmo que a condenação à morte esteja do lado de lá da porta, é fundamental para manter a chama da memória e preservar a identidade.

Reflectir sobre a temática dos *Bnei Anusim* é reflectir sobre a temática da identidade cultural, inserida na sociedade, e na manutenção de um discurso necessariamente diferente à tentativa, sempre tentadora, de se impor um discurso único. É o contínuo confronto entre a verdade e o poder que se estende à identidade que, por conseguinte, se mantêm em chama viva, como uma candeia, na linguagem e no seu significado.

Estes ecos quase inaudíveis de cultura, que se manifestam nas acções tradicionais de um povo, de um território de fronteiras dúbias, são fruto de uma resistência que as civilizações, mesmo as mais fortes e prósperas, tiveram tanta dificuldade em apreender. Talvez, pela experiência destes criptojudeus, e por serem um caso paradigmático de sobrevivência, e se compreendermos as razões pelas quais os grupos tomam com frequência decisões erradas, talvez possamos utilizar este conhecimento para nos orientarmos, como seres humanos (e porque não como decisores do futuro?), na tomada de decisões adequadas. Mas como é que este *grupo* conseguiu sobreviver? A própria segregação, mesmo indirecta, que a história comprova, mesmo na Idade Média, é por hipótese, uma atitude preventiva que proporcionou a resistência a um etnocídio.

Não imagem

Contrariamente à imagem, poderíamos pensar numa “**não-imagem**”, isto é, na negação da imagem, ou registo, como prevenção a vestígios comprometedores ou a imagem como suporte analítico para a compreensão de um conceito. Vejamos o primeiro exemplo bíblico, no primeiro capítulo do Génesis:

וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים, נַעֲשֶׂה אָדָם בְּצַלְמֵנוּ כִדְמוּתֵנוּ

«E Deus disse: “Façamos o homem à Nossa Imagem e à Nossa Semelhança”»

Esta ideia de “imagem” não se refere, para o Judeu, a uma forma antropomórfica nem a qualquer conceito geométrico canónico. Esta ideia de “imagem” é uma ideia conceptual, relativa

i 2 de Maio 2009 – Conferência “Judaísmo - Marranismo: Duas faces duma identidade”, II Jornadas de História Local, Vimioso (1, 2 e 3 de Maio). Com intervenções, entre muitas, de Inácio Steinhardt (Comunidade Israelita de Lisboa e narrador do filme “Les Derniers Marranes” e de Elvira Mea (Professora de Estudos Judaicos e Sefaraditas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

ii *Mitzvot* é o plural de *Mitzvá*, que significa “mandamento”. (existem 613 mandamentos na Torah, havendo 365 mandamentos negativos – referentes às proibições –, e 248 positivos – referentes aos direitos e ao prazer)

ao poder que o homem poderá ter, através da sua capacidade de aprendizagem, e criatividade, sobre a terra (que é o seu habitat natural.). Atribuir um significado taxativo a este versículo, seria limitar a entidade Divina à mera condição humana, que seria redutor para uma *substância indivisível*ⁱ, complexa e de dimensão cósmica.

Outro exemplo é o episódio do “*bezerro de ouro*”ⁱⁱ. Esta passagem dramática significa as consequências da idolatria. Não é propriamente uma ira Divina, mas um exemplo de que a idolatria traz consequências nefastas para a condição humana. No fundo, esta passagem importante da Bíblia, sobre o conceito de imagem é um ensinamento em que a identidade se deve preservar incorruptível. Por outras palavras, distorcer a nossa identidade é retirar a essência dela própria. Deixamos de ser o que realmente somos.

Transpondo para a cultura, se uma identidade se mistura com outra identidade, esta dissemina-se criando uma outra nova. A isto, os Judeus denominam de *assimilação*, que é um conceito temido no decorrer da História até à contemporaneidade. A autenticidade da identidade judaica, com todas as tragédias e tentações a que foi sujeita, manteve-se intacta, segundo os judeus, devido à resistência à *assimilação*. A imagem, propensa à admiração e à idolatria, é por si só, algo condenável na conduta e na observância judaica.

Mas o criptojudáismo não poderá ser considerado uma prática religiosa assimilada? A resposta é naturalmente sujeita a discussão, no sentido que existiu uma forma de garantir uma sobrevivência de uma prática religiosa, mascarada da prática que vigorava nesse período (há cerca de 500 anos atrás) que era o cristianismo. A estes Judeus foram então forçados a converterem-se, sendo então designados como “cristãos-novos” (ou, em hebraico, “*anusim*”ⁱⁱⁱ). Mas, estes “cristãos-novos” praticariam um culto cristão socialmente, mas secretamente praticavam o seu judaísmo. Mas se praticavam um judaísmo escondido, sem o poder ritualizar de forma autêntica, como é ordenado na Bíblia, então poderia estar sujeito, ao longo dos séculos a uma *assimilação*.

A “**não-imagem**”, como foi referido, implica a ausência, e escassez, de registos. Não havendo registos, muitos dos ensinamentos judaicos estariam condenados ao esquecimento. Na realidade o esquecimento em si não aconteceu, a essência conceptual manteve-se na memória social através de mecanismos mnemónicos instalados na poesia oral, nas cantigas ou nos provérbios, na gastronomia e em rituais simples, e escondidos, sucessivamente reinterpretados e modificados (porque não haviam registos). Neste último, o caso paradigmático é o acendimento das candeias à sexta-feira ao pôr-do-sol, por parte das mulheres, em localidades como a de Belmonte^{iv}. Como é referido num momento do documentário “Les Derniers Marranes”, haveria quem acendesse as duas candeias, como no *Shabat* judaico, mas dentro de um armário, com medo, como dizem, para que os cristãos não dissessem “*olha o judeu que acende a candeia*,”

i Espinosa, Bento, “Ética”

ii Exodo 32:1-35

iii *Anusim* significa “forçados” em hebraico

iv ver capítulo sobre o *Shabat*

*olha o judeu que faz isto e aquilo...*ⁱ. Concretamente, neste documentário, os entrevistados desconheciam porque é que receavam os cristãos, devido provavelmente ao isolamento territorial, e histórico, durante os últimos cinco séculos que os afastaram da razão do motivo político para a perseguição aos Judeus por parte da Inquisição. Mas a prevalência desse medo é uma característica da identidade do criptojudeu. Paradoxalmente, quando os vestígios transgressores, que são os vestígios do judaísmo na prática criptojudaica, são descobertos, comunicados e até admirados pela sociedade actual, este medo persiste como linguagem, como memória – embora dúbia – e sobretudo como identidade.

Enquanto os judeus da “diáspora da diáspora”ⁱⁱ não descobriram os seus “irmãos” criptojeus em Portugal, nos finais do século XIX e princípios do século XX, estes não sabiam muito bem a razão da sua própria identidade. Praticavam uma religião paralela à cristã, porque os seus ascendentes também praticavam. Isso hoje ainda é *visível*.

Mas o ritual criptojeu, apesar de não ter imagem, não ser visível ao olhar crítico, é visível perante o comum judeu religioso. Este último é, porventura, o que mais facilmente reinterpreta o ritual criptojeu, porque em quinhentos anos uma religião ocultou a sua imagem, mas manteve elementos muito particulares de comunicação que só o conhecimento e prática da sua origem ritual, que é a Ortodoxa, facilitará a sua leitura.

Como vencer o medo? O medo é uma característica da identidade criptojudaica. No entanto, a forma de *vencer o medo* é praticar o ritual Ortodoxo. A isso denomina-se como o *Retorno*. E foi esse *Retorno* que se celebrou e se consumou numa comunidade inteira criptojudaica, na localidade de Belmonte.

A solução é, segundo os próprios, *esquecer* o velho ritual, que é o criptojeu, e praticar o Ortodoxo. Assim, a grande constatação paradoxal é o facto de ser desejável para o judeu, que agora poderá ser oficialmente *judeu*, que lhe foi concedida a identidade judaica através de um *Beit Din*ⁱⁱⁱ, que a prática ritual criptojudaica deverá ser esquecida em detrimento da prática Ortodoxa. •

i *in Les Derniers Marranes*

ii *Diáspora da diáspora (begalut betor galut)*, que significa o exílio dos judeus no exílio. Ou seja, os judeus estavam na Península Ibérica exilados da Terra de Israel, e agora passaria a estar exilados da Península Ibérica.

iii *Beit Din* é um tribunal rabínico que, entre outras funções, atribui legitimidade a um não-judeu que pretende converter-se tornar-se efectivamente num judeu. É um processo demorado, e cauteloso, devido, entre varias razões, ao carácter não prosélito que caracteriza esta religião.

A imagem do judeu, na cultura popular portuguesa raramente é indiferente e frequentemente susceptível a opiniões adversas. A ela são atribuídas características especiais de ordem morfológica, como os narizes grandes e acentuadamente curvados, como outras resultantes de eventuais parecenças físicas provenientes de uma previsível endogamiaⁱ resultante de uma consanguinidade localizadas num território específicoⁱⁱ.

A referência pejorativa é possível enquadrar com actual teoria da *Agnotologia* (o estudo da Política da Ignorância, a construção e a desconstrução da Ignorância)ⁱⁱⁱ, devido à norma instituída, ou o pensamento tendencialmente único, por incutirem falsos atributos ao judeu através da ignorância, incutindo o ódio, a xenofobia e o falso testemunho que a História repetidamente assiste.

Morte de Cristo

O primeiro grande motivo de ódio dos Cristãos é a atribuição aos judeus pela entrega de Cristo aos romanos, que desencadeou a sua crucificação e a morte. Uma forma de depreciar a imagem de quem entendemos como um *anti-cristo*, um *ser diabólico* e *cheio de pecado*, uma figura *estranha* e *anormal*, poderá-se-á visualizar nas entrevistas exibidas nos “Les Derniers Marranes” a membros da Igreja que participam no documentário:



Imagem 1, imagem 2 – in “Les Derniers Marranes”

i Enlace matrimonial entre pessoas da mesma família.

ii Em Belmonte, por exemplo.

iii Por Robert Proctor (mais informações em: <http://www.stanford.edu/dept/HPS/proctor.html>)



Imagem 3, imagem – in “Les Derniers Marranes”

“Geralmente o Judeu tem uma fisionomia um pouco... um pouco extraordinária... e como os judeus deram a ordem de morte a Jesus... ao Senhor... para os ridicularizar é que os pintaram assim. Para os ridicularizar. Mais nada. O povo judeu.”ⁱ

(Note-se que Jesus Cristo, em qualquer cultura cristã, está associado sempre a conceitos de beleza humilde, de expressões de bondade e a características antropomórficas típicas do território onde a imagem se ergue.)

Para contrariar este preconceito histórico, e ajudar a reflectir num possível engano secular, porventura parcial – a designação da instituição onde se enquadra a Inquisição é *Igreja Católica Apostólica Romana* – apresentamos o seguinte excerto de um conjunto de palestras sobre a problemática da Judiofobiaⁱⁱ, por Gustavo D. Perednikⁱⁱⁱ:

La fuente más reiterada que halló la judeofobia posterior en el Nuevo Testamento fue el relato de la crucifixión, aun cuando incluye evidentes errores históricos (que no socavan, claro está, ni el carácter sagrado del texto para los creyentes en él, ni la base teológica del cristianismo; hablamos aquí meramente en términos históricos).

Según el Nuevo Testamento, durante la Pascua judía (Pésaj) el Sanhedrín (que era el cuerpo supremo religioso y judicial de Judea durante el período romano) sometió a Jesús a juicio y lo condenó a muerte. El gobernador romano Poncio Pilato intentó evitar la aplicación de la pena, pero se sometió al veredicto “lavándose las manos” literalmente y Jesús fue entonces crucificado por soldados romanos.

La vastísima bibliografía al respecto senala varias imprecisiones en el relato, a saber:

1. El Sanhedrín nunca se reunía en las festividades hebreas, y muy raramente aplicaba penas de muerte (a un Sanhedrín que aplicara una pena de muerte cada siete anos, el Talmud lo llama “Sanhedrín devastador”, a lo que el rabí Eleazar Ben Azariá agregó: “...aun cuando lo haga una vez cada setenta anos”). Y en

i “Les Derniers Marranes”

ii Conjunto das palestras: <http://www.masuah.org/judeofobia.htm>

iii <http://www.gustavoperednik.org/>

2. Más grave aun es que ni siquiera se explicita la transgresión que justificara pena de muerte. Había crímenes que la ley bíblica penaba con muerte, pero no era el caso de proclamarse “hijo de Dios”, que no implicaba ningún tipo de transgresión. Además, los romanos solían grabar en la cruz del reo la índole de su delito. En la de Jesús, INRI (Jesús de Nazaret, Rey de los Judíos) alude al crimen político de sedición: nadie podía ser rey, porque el único monarca era el César. Se trata de un crimen contra Roma, castigado con un modo de ejecución romano.

3. El rol de Pilato es triplemente sospechoso. Por qué el Sanhedrín – que tenía autoridad para ejecutar las penas que imponía – solicitaría ayuda del enemigo romano a fin de “castigar” a un judío? Por qué el Procurador habría de salir en defensa de un judío, cuando él era responsable de imponer el orden imperial en Judea, y en esa función ya había hecho crucificar a miles? Y por último, el conocido “lavado de manos” de Pilato es un rito (*netilat yadaim*)ⁱ que los judíos observan hasta hoy antes de comer, al visitar cementerios, o como signo de pureza. Extrano es, pues, que así exteriorice su pureza un militar romano a cargo de la represión.

Mas, como é possível constatar, a opinião sobre a figura do judeu poderá ser mesmo inocente no que respeita à consciência individual de quem o refere. No entanto essa inconsciência provém de uma interpretação primária, enraizada numa cultura de preconceito.

Novamente no documentário “Les Derniers Marranes”, a opinião do Padre de Belmonte, no final dos anos 80, é uma ilustração relevante sobre a imagem desse preconceito primário e de um possível caso de Endogamiaⁱⁱ:

“(...) há vários sinais caracterizadores da Comunidade Judaica aqui de Belmonte. Começando pelos aspectos menos... menos... vá lá... menos válidos. Podemos lá dizer que definem-se até no aspecto físico e é fácil para as pessoas que conhecem o meio de Belmonte conhecer fisicamente os judeus. Têm realmente uma estatura bastante desenvolvida, bastante forte, sobretudo para tender para o obeso, para o gordo. Enfim, umas certas características físicas... os narizes bastante desenvolvidos. De maneira que realmente isso define-os, não é... e uma pessoa qualquer que passe aí pelas ruas que esteja habituado a conviver com os judeus facilmente conclui que esta ou aquela pessoa será judeu pelo aspecto físico.”

Esta imagem é transversal na História. Richard Zimler, numa conferência sobre o Mercador de Veneza, em Novembro de 2008, no Teatro Nacional São João, no Porto, fez uma análise comparativa da figura de Shylockⁱⁱⁱ que era exibida nos cartazes ao longo da História. Quase sempre

i *Netilat yadaim*. Ritual de lavagem das mãos.

ii Note-se que os Judeus de Belmonte têm nomes de família iguais. Ver Anexo XIII

iii O nome do Judeu na peça de teatro de William Shakespeare, “O Mercador de Veneza”



Imagem 5: “Der Jude: Kriegsanstifter, Kriegsverlänger”

lhe era atribuída uma imagem de uma pessoa *feia, gorda e sinistra*, além da personagem em si a que Shakespeare lhe atribui características sanguinárias e de uma maldade extrema.

A descrição da imagem do judeu feita por estes dois testemunhos do documentário, juntamente com a imagem de Shylock, tem uma curiosa relação com o cartaz de propaganda NAZI “*Der Jude: Kriegsanstifter, Kriegsverlänger*”ⁱ.

i

“O Judeu: o que incita a guerra, o que prolonga a guerra!”

*“Ó de Viseu
Larga o rabo
Que não é teu!*

*Deus te livre de Judeu
E de filho seu...*

*Larga o rabo
Que não é teu
É de filho de Judeu.*

*Esta casa cheira a breu
Aqui mora algum judeu.*

*Vila Nova, Fila Nova,
Vila Nova de Foz Côa,
Se não fossem os judeus
Vila Nova era boa.*

*Enjeitaste-me por pobre,
Eu a você por judeu,
Olha a diferença que vai
Do meu coração ao teu.*

*Livra-te do mouro e do judeu
E do homem de Viseu
Mas lá vem o braguês,
Que é pior que todos três
E do Porto com seu contrato
É pior que todos quatro.
Esta casa é tão alta,
Forrada de pau espinho
O homem que nela mora
É judeu e tem rabinho.*

*Mandaste-me perguntar
De que gente eu precedia
Eu mandei-te a resposta:
Não sou preta, nem judia.*

*Eu bem sei que tens um filho,
Não foi de nenhum judeu
Foi de um rapaz tão galante,
Do melhor nariz que o teu.”*

A atribuição de características sanguinárias, sinistras e monstruosas aos Judeus

Tal como a imagem de Shylock, o judeu, e as referências gráficas NAZIS, também na cultura popular da região da Beira Interior, as características demoníacas atribuídas ao Judeu, são audíveis na memória do inconsciente colectivoⁱ, que se evidenciam no ditado, no conto, na cantiga e no provérbio.

Sobre o **sangue** também é interessante referenciar uma conferência realizada, durante esta investigação, na Sinagoga do Porto, apresentada por Ari Greenspan, de Jerusalém. Tratou-se



Imagem 6: “Matza” em hebraico. Imagem da conferência de Ari Greenspan sobre o Pão Ázimo, no Porto

de uma conferência sobre o Pão Ázimo judeu (*matzá*), que se utiliza na Páscoa Judaica (*Pes-sach*), que não é fermentado, sendo uma das características de memória da fuga do Egipto por parte do Povo de Israel.



Imagem 7: imagem medieval que ilustra um falso ritual sobre a extracção de sangue de uma criança para o fabrico do pão.

Qual a relação entre o Pão Ázimo e o sangue? Devido aos preconceitos referidos e não havendo um conhecimento generalizado sobre a temática do *kashrut*ⁱ no senso comum, numa interpretação primária, de escárnio e ódio, referiam-se condimentos à comida judaica remetendo aspectos vampíricos. A *imagem 7* ilustra uma gravura medieval de contornos anti-semitas, os judeus retiram o sangue de uma criança para fazer o pão ázimo...

Neste excerto, novamente retirado das palestras sobre a problemática da Judiofobia, Gustavo Perednik explica e faz uma análise crítica sobre esta temática:

Libelo de Sangre o Asesinato Ritual

Este es una de las expresiones máximas de histeria colectiva y crueldad humanas. Se trata de la acusación de que los judíos asesinan a no-judíos (especialmente cristianos) a los efectos de utilizar su sangre en la Pascua u otros rituales.

Hubo cientos de libelos, que en general seguían el mismo esquema. Se hallaba un cadáver (usualmente el de un niño, y más frecuentemente cerca de la Pascua cristiana), los judíos eran acusados de haberlo asesinado para usar ritualmente su sangre. Los principales rabinos o líderes comunitarios eran detenidos y se los torturaba hasta que confesaban que en efecto eran culpables del crimen. El resultado era la expulsión de toda la comunidad de esa comarca, tormentos para una buena parte de sus miembros, o bien el exterminio expedito de todos ellos. Generación tras generación, judíos fueron torturados en Europa y comunidades enteras fueron masacradas o dispersadas debido a este mito.

Algunos aspectos son indispensables para entender la enormidad del libelo, a saber:

. La ignorancia de los gentiles con respecto de la religión judía (por ejemplo en el judaísmo está totalmente prohibida la ingestión de sangre);

. En el medioevo, el pan de la comunión creaba una atmósfera emocional en la que se sentía que el niño divino se escondía misteriosamente en el pan compartido. El friar Bertoldo de Regensburg solía preguntar: “quién quisiera morder la cabeza, la mano o el pie del bebé?” En este contexto, el libelo podría considerarse como una especie de proyección colectiva: si detestamos ingerir sangre humana, atribuyámoselo a otros.

. Según una superstición difundida en Alemania, la sangre, incluso la de cadáveres, podía curar.

En ese país ocurrió el primer caso, en Wuerzburg 1147. Un niño cristiano fue supuestamente crucificado por judíos (el motivo de la cruz explica por qué los libelos ocurrían generalmente en la época de la Pascua). En Fulda (1235) se agregó otro motivo: los judíos beben sangre cristiana con motivos medicinales. En Munich (1286) se enfatiza que los judíos rechazan la pureza, odian la inocencia del niño cristiano. Así narró los hechos el monje Cesáreo de Heisterbach: “el niño cristiano cantaba ‘Salve regina’ y como los judíos no pudieron interrumpirlo, le cortaron la lengua y lo despedazaron a hachazos”.

Así lo explican ciudadanos de Tyrnau (Trnava) en 1494: “los judíos necesitan sangre porque creen que la

i Processo de supervisionamento e confecção da comida judaica.
Kasher (כשר) significa: própria para consumo do judeu.

sangre del cristiano es un buen remedio para curar la herida de la circuncisión. Entre ellos tanto los hombres como las mujeres sufren de la menstruación... Además tienen un precepto antiguo y secreto, por el que están obligados a derramar sangre cristiana en honor de Dios, en sacrificios diarios, en algún lugar”.

•

Primeira: Os dias da Semana

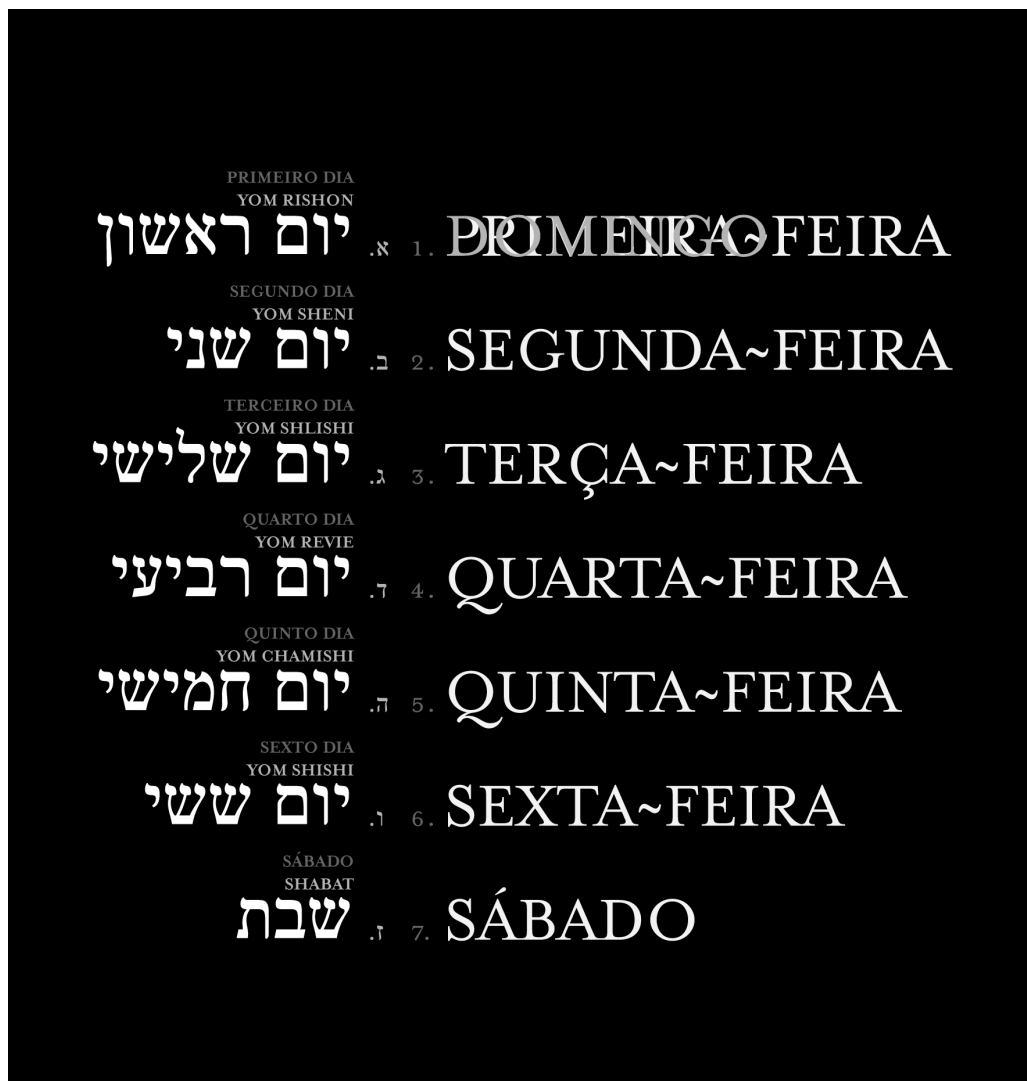


Imagem 8: “os dias da Semana” por Ricardo Moura

Nos países que herdaram a cultura romana, os dias da semana remetem ao primeiro dia como o do Sol, o segundo dia como o da Lua, o terceiro como o de Marte, o quarto como o de Mercúrio, o quinto como o de Júpiter, o sexto como o de Vénus e o sétimo como o de Saturno. Em alguns países, como a França, substituem o dia do Sol para Domingo (*Dimanche*) e o dia de Saturno para Sábado (*Samedi*). Na cultura cristã, sobretudo a católica, a inclusão do Domingo refere-se ao “dia do Senhor” e o Sábado ao “*Shabat*” judaico.

Em Portugal a designação dos dias da semana não tem qualquer relação com a cultura romana, remetendo-se à cultura hebraica onde a designação dos dias da semana é somente ordinal. Em Portugal, e nos países de expressão portuguesa, exceção é o Domingo, que adere ao “dia

Na cultura hebraica, o Domingo é tido como o primeiro dia da semana, devendo-se trabalhar como nos dias seguintes até ao dia do descansoⁱ, o Sábado. No entanto a designação taxativa de “primeiro dia” somente é utilizado no livro do Génesis, no momento da Criação, no capítulo 1º, versículo 5º, onde está escrito: “E chamou Deus à luz, dia, e à escuridão chamou noite; e foi tarde e foi manhã, **dia um** (*yom echad*).”. No entanto, na composição gráfica anexa, e no quotidiano hebraico, o primeiro dia é designado como “*yom rishon*”, que significa “o dia do começo” ou mais precisamente como o dia cabeça (sendo este a cabeça ou o início da semana). Repare-se a semelhança fonética, com o começo do ano, **rosh hashaná**, ou o começo do mês, **rosh chodesh**, ou ainda, para quem entenda bem o hebraico, a palavra “*bereshit*”, que é exactamente a primeira palavra da bíblia que significa “no começo” (repare-se na predominância do “r” (“ר”) e do “sh” (“ש”)) que, neste caso, são a raiz da palavra “cabeça” ou “começo”).

Constata-se então que o primeiro dia de trabalho na cultura portuguesa inicia-se num paradoxo segundo dia, deixando o primeiro dia, ou o começo da semana de trabalho, para um dia que adquire o significado conceptual do Sábado, cuja designação é subtraída pela predominante da cultura cristã. Assim, neste projecto, pretende-se salientar essa dissonância de fusão cultural, que atribui a Portugal uma possível influência judaica para a não importação completa da cultura romana na designação dos dias da semana. Assim, o “*yom rishon*” hebraico existe numa memória não escrita, tal como a cultura criptojudáica. •

i Ver capítulo sobre o *Shabat*.

א.1

אנכי ה'

EU SOU O TEU DEUS E SENHOR,
DEUS DUM PODER INFINITO
QUE, PIEDOSO, TE SALVEI
DO CAPTIVEIRO DO EGYPTO.

EU SOU HASHEM, TEU DEUS, AQUELE QUE TE TIROU DA TERRA
DO EGIPTO, DA CASA DA ESCRAVIDÃO.

ב.2

לא יהיה

NÃO TERÁS ALHEIOS DEUSES,
QUE EM MIM TENS O SUMO BEM;
AMA-ME, COMO A TI MESMO,
E AO TEU PRÓXIMO TAMBÉM.

NÃO RECONHECERÁS OS DEUSES DE OUTROS NA MINHA PRE-
SENÇA. NÃO FARÁS NENHUMA IMAGEM TALHADA NEM NENHUMA
SEMELHANÇA DAQUILO QUE ESTÁ ACIMA, NOS CÉUS, NEM EM
BAIXO, NA TERRA, NEM NA ÁGUA DEBAIXO DA TERRA. NÃO TE
PROSTRARÁS PERANTE ELES NEM OS ADORARÁS. PORQUE EU SOU
HASHEM, O TEU DEUS, UM DEUS ZELOS, QUE TEM PRESENTE O
PECADO DOS PAIS SOBRE OS FILHOS ATÉ A TERCEIRA E QUARTA
GERAÇÃO DAQUELES QUE SÃO OS MEUS INÍMIGOS. MAS QUE
MOSTRA BENEVOLENCIA COM MILHARES DE GERAÇÕES A TODOS
AQUELES QUE ME AMAM E OBSERVAM OS MEUS PRECEITOS.

ג.3

לא תשא

NÃO TOMARÁS DO TEU DEUS
O SEU SANTO NOME EM VÃO;
E NEM POR ELLE, DEBALDE,
JURES NA MAIS LEVE ACÇÃO.

NÃO TOMARÁS O NOME DE HASHEM, TEU DEUS, EM VÃO.
PORQUE HASHEM NÃO ABSOLVERÁ NINGUÉM QUE TOME
O SEU NOME EM VÃO.

ד.4

זכור את

AO SABBADO NÃO TRABALHES,
NEM TU, NEM FILHO, NEM CRIADO,
SANTIFICADO ESTE DIA,
SÓ PARA MIM RESERVADO.

RECORDA O DIA DO SHABAT, PARA O SANTIFICAR. SEIS DIAS
TRABALHARAS E COMPLETERÁS TODO O TEU TRABALHO,
MAS O SÉTIMO DIA É O SHABAT PARA HASHEM, TEU DEUS.
NÃO FARÁS NENHUM TRABALHO, NEM TU, O TEU FILHO,
A TUA FILHA, O TEU ESCRAVO,
A TUA ESCRAVA, O TEU ANIMAL, NEM O TEU ESTRANGEIRO
QUE ESTÁ DENTRO DAS TUAS PORTAS. PORQUE EM SEIS DIAS
HASHEM FEZ OS CÉUS E A TERRA, O MAR E TUDO QUE HÁ NELES,
E DESCANÇOU AO SÉTIMO DIA. POR ISSO, HASHEM ABENÇOOU
O DIA DO SHABAT E SANTIFICOU-O.

ה.5

כבד את

HONRARÁS TEU PAI E MÃE,
COM PARTICULAR DEVER;
SÃO PESSOAS RESPEITÁVEIS,
PORQUE TE DÉRÃO O SER.

HONRA A TEU PAI E A TUA MÃE, PARA QUE SE PROLONGUEM
OS TEUS DIAS SOBRE A TERRA QUE HASHEM, TEU DEUS, TE DÁ.

ו.6

לא תרצח

IRADO, NÃO MATARÁS
O TEU PRÓPRIO SEMELHANTE,
E NÃO CONSERVES JAMAIS
O ODIO, NEM POR INSTANTE.

NÃO MATARÁS.



Imagem 9: “os Dez Mandamentos” por Ricardo Moura

Este projecto gráficoⁱ enquadra a memória popular na identidade ancestral judaica. A precisão dos conceitos relativos aos mandamentos da Torahⁱⁱ ultrapassa a especulação tornando a hipótese mais próxima da certeza. A preservação da palavra, pelos mecanismos descritos, mesmo que seja de forma conceptual, foi o garante da memória judaica durante os longos séculos de escuridão e medo.

A rima, na tradição popular, serve não só para embelezar e ritmar uma narrativa como serve como mecanismo mnemónico para a preservação de um discurso oral. Os criptojudes para não registarem numa memória escrita, adaptavam a palavra da Torah à poesia popular.

i Ver projecto no Anexo X

ii Ver Anexo III

Esta recolha foi realizada por Samuel Schawrzⁱ no início do século XX, na região da Beira Interior, e publicada na revista de “Arqueologia e História” da Associação de Arqueólogos Portugueses em 1925.ⁱⁱ

Estas quadras remetem exactamente aos Dez Mandamentos descritos no Capítulo 20 do Livro “Shemot” (Êxodo)ⁱⁱⁱ. •

הַגִּבֹּל אֶת־הָהָר וְקִדְשָׁתוֹ: כִּד וַיֹּאמֶר אֱלֹהֵי יְהוָה לְדָ-
 רָד וְעֲלִית אֵתָה וְאַהֲרֹן עִמָּךְ וְהַכֹּהֲנִים וְהָעָם אֶל־
 יְהֹרָסוּ לַעֲלֹת אֶל־יְהוָה פֶּן־יָפוּץ־בָּם: כה וַיֵּרֶד מֹשֶׁה
 אֶל־הָעָם וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים: ס כ א וַיְדַבֵּר אֱלֹהִים אֶת
 כָּל־הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה לְאַמְרָן: ס ב אֲנֹכִי יְהוָה אֱלֹהֶיךָ
 אֲשֶׁר הוֹצֵאתִיךָ מֵאֶרֶץ מִצְרַיִם מִבֵּית עַבְדִּים: ג לא־
 יִהְיֶה לְךָ אֱלֹהִים אֲחֵרִים עַל־פָּנָי: ד לא־תַעֲשֶׂה לְךָ
 פֶּסֶל וְכָל־תְּמוּנָה אֲשֶׁר בַּשָּׁמַיִם מִמַּעַל וְאֲשֶׁר
 בָּאָרֶץ מִתַּחַת וְאֲשֶׁר בַּמַּיִם מִתַּחַת לָאָרֶץ: ה לא־
 תִּשְׁתַּחֲוֶה לָהֶם וְלֹא תַעֲבֹדֵם כִּי אֲנֹכִי יְהוָה אֱלֹהֶיךָ
 אֵל קַנָּא פֹקֵד עֹון אָבֹת עַל־בְּנִים עַל־שְׁלֹשִׁים
 וְעַל־רִבְעִים לְשֹׁנָאִי: ו וַעֲשֵׂה חֶסֶד לְאֶלְפִים לְאֹהֲבֵי
 וְלִשְׁמֵרֵי מִצְוֹתַי: ז לא תִּשָּׂא אֶת־שֵׁם־יְהוָה
 אֱלֹהֶיךָ לְשׁוּא כִּי לא יִנָּקֶה יְהוָה אֶת אֲשֶׁר־יִשָּׂא
 אֶת־שְׁמוֹ לְשׁוּא: ח זָכוֹר אֶת־יוֹם הַשַּׁבָּת לְקַדְּשׁוֹ:
 ט שֵׁשֶׁת יָמִים תַּעֲבֹד וַעֲשִׂיתָ כָּל־מְלָאכָתְךָ: י וְיוֹם
 הַשְּׁבִיעִי שַׁבָּת לַיהוָה אֱלֹהֶיךָ לֹא־תַעֲשֶׂה כָּל־
 מְלָאכָה אַתָּה | וּבִנְךָ וּבִתְּךָ עַבְדְּךָ וַאֲמָתְךָ
 וּבְהֶמְתְּךָ וְגֵרְךָ אֲשֶׁר בְּשַׁעְרֶיךָ: יא כִּי שֵׁשֶׁת־יָמִים
 עָשָׂה יְהוָה אֶת־הַשָּׁמַיִם וְאֶת־הָאָרֶץ אֶת־הַיָּם וְאֶת־
 כָּל־אֲשֶׁר־בָּם וַיָּנַח בַּיּוֹם הַשְּׁבִיעִי עַל־כֵּן בֵּרַךְ יְהוָה
 אֶת־יוֹם הַשַּׁבָּת וַיְקַדְּשֵׁהוּ: ס יב כִּבֹּד אֶת־אָבִיךָ
 וְאֶת־אִמְךָ לְמַעַן יֵאָרְכוּן יָמֶיךָ עַל הָאָרֶץ אֲשֶׁר־
 יְהוָה אֱלֹהֶיךָ נָתַן לָךְ: ס יג לא תִרְצַח ס לא תִּנְאַף ס
 לא תִּגְזֹב ס לא־תַעֲנֶה בִּרְעֶךָ עַד שֹׁקֶר: ס יד לא
 תַּחְמוֹד בֵּית רֵעֶךָ ס לא־תַחְמוֹד אִשְׁתִּי רֵעֶךָ וְעַבְדְּךָ
 וַאֲמָתְךָ וְשׁוֹרְךָ וְחֹמְרוֹ וְכָל אֲשֶׁר לְרֵעֶךָ: ס טו שְׁבִיעִי
 סו וְכָל־הָעָם רֹאִים אֶת־הַקּוֹלֹת וְאֶת־הַלְפִידִם וְאֶת־

Imagem 10: os Dez Mandamentos
nos escritos originais da Torah.

i Samuel Schawrz (1880 – 1953), autor e difusor da primeira grande investigação sobre os criptojudes de Belmonte em meados da década de 20 do século XX.
 ii in Schwarz, Samuel “Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX”, sep. do IV vol. de Arqueologia e História da Associação de Arqueólogos Portugueses, 1925
 iii Ver Anexo VII

CÂNTICO DA PÁSCUA (1)

MÚSICA

(1) — Transcrito em música pelo Ex.^{mo} Sr. Antonio de Campos Silva.

Imagem 11: o Cântico da Páscoa. In Samuel Schwarz

52

CÂNTICO DA PÁSCUA (2)

Adonai, Adonai,
Adonai, Senhor meu !

Cantamos hoje ao Senhor	E era vencedor
D'esta hora singular,	O seu Omnipotente Nome,
O cavallo e o cavalleiro	O carro do Pharaó
Lançou no profundo mar.	E seu exército consome.
Estende o teu braço,	Caminhamos e andamos,
Já nos fica fortaleza ;	Louvaremos ao Deus d'Israel,
Do Pharaó e do inimigo	Que nos livrou do Egypto
Já combateu a fraqueza.	D'aquelle rei tão cruel.

(*) — Este cântico, inspirado no «Cântico de Moisés», Exodo cap. 15, canta-se conforme a música de 52-bis.

Imagem 12: o Cântico da Páscoa. In Samuel Schwarz

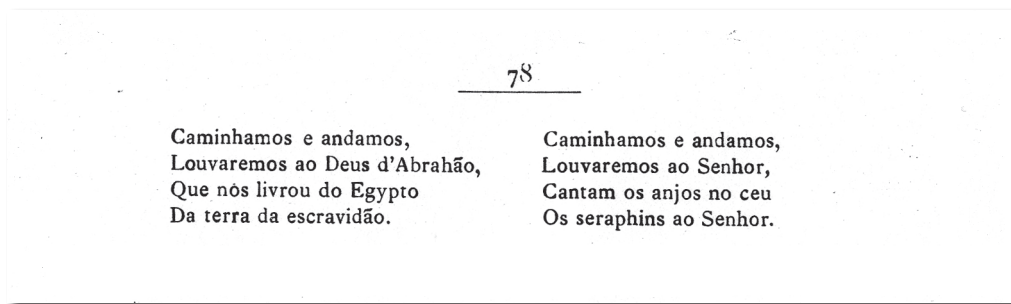


Imagem 13: o Cântico da Páscoa. In Samuel Schwarz

Em Belmonte, segundo alguns testemunhos, ainda se praticam rituais criptojudaios na Santa Festa, que remetem à Páscoa Judaica (*Pessach*). Entre eles existe o “Cântico da Páscoa” que relata a fuga do Povo de Israel do Egipto, tal como é descrito no *Shemot* (Êxodo), capítulo 15 (*Parashat Beshalach da Torá*) no Cântico de Moisésⁱ a *HaShem*ⁱⁱ:

Este registo recolhido por Samuel Schwarz, e publicado em 1925ⁱⁱⁱ, começa exactamente com a referência a Deus, com a designação “*Adonai*”, que os judeus somente a referem na *tefilah* (oração).

Mas, e comprova-se igualmente no documentário “*Les Derniers Marranes*”, esta recolha não transmite exactamente a memória, palavra por palavra. Ou seja, sendo uma cantiga com uma melodia relativamente simples de memorizar, as palavras poderão variar de pessoa por pessoa, tal como os versos poderão ficar trocados, embora o significado se mantenha.

Actualmente, uma mulher mais idosa, pertencente à Comunidade Judaica de Belmonte, facilmente saberá soletrar esta cantiga, embora a ordem dos versos e a troca de palavras existirá.

Outras *imagens* remetentes ao *Pessach*, ainda existem. Não de forma aberta ao público, mas mantendo a autenticidade de uma identidade de cariz secreto. Entre elas a feitura do Pão Ázimo, que na liturgia Judaica Ortodoxa, obedece à seguinte receita: farinha, água e azeite. Não poderá exceder os 18 minutos, para não fermentar. Esta tradição remete à fuga do Egipto descrito no Êxodo. Em Belmonte, como mostra o documentário “*Les Derniers Marranes*”, é feito um ritual criptojudeu de fabricação do Pão Ázimo, com regras próprias, mas com sinais remetentes à prática ortodoxa. Entre elas o Pão Ázimo em si, o tapar os olhos (tal como é feito o “*Shemá Israel*”^{iv}) e o ritual no rio Zêzere referente à abertura do Mar Vermelho por parte de Moisés e a passagem do Povo de Israel. •

i Ver Anexo XI

ii *HaShem* quer dizer literalmente “o Nome”. Os Judeus procuram não O pronunciar fora da oração, cumprindo assim o terceiro mandamento: “Não tomarás o nome de HaShem, teu Deus em vão, porque HaShem não absolverá ninguém que tome o Seu Nome em vão.” Outra forma de Lhe dirigir é atribuindo a designação “O Eterno”.

iii in Schwarz, Samuel “Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX”, sep. do IV vol. de Arqueologia e História da Associação de Arqueólogos Portugueses, 1925

iv O *Shemá Israel*, *Adonai Eloheinu*, *Adonai Echad* é uma frase que constitui a profissão de fé monoteísta que os Judeus acreditam (ver Anexo IX), que significa “*Escuta Israel, Adonai é o nosso Deus, Adonai é Único*”.

Celebration of Passover
in the attic.
Recitation of the departure
out of Egypt accompanied
by the baking of
unleavened bread.



The following morning at dawn :
separation of the waters,
symbolizing the crossing of
the red sea.



Daily picnic throughout
the 8 days of Passover and
the offering of matzah
to the Lord.



Uma relação do Filme / Documentário “Les Derniers Marranes” com uma visita à Comunidade Judaica de Belmonte em Abril de 2009



Imagem 22. in Les Derniers Marranes

A comunidade judaica de Belmonte tem uma evidente herança criptojudáica que garantiu a sobrevivência de uma identidade que hoje se emancipou no culto judeu ortodoxo.

Dialogar e conviver com os seus membros, sobretudo com os mais velhos, onde a sua memória se estende num prolongamento temporal mais distante e autêntico, descobrimos vestígios e confirmamos observações documentais da prática criptojudáica.

Registar pormenores dos diálogos, de testemunhos, de imagens e expressões descritas nas faces dos entrevistados no documentário “Les Derniers Marranes”, revemos hoje as mesmas figuras com uma vintena de anos passados nos seus rostos. Confirmamos também os desafios que se propuseram, em conversa entre homens com Inácio Steinhardt (narrador do documentário), na intenção de progressivamente praticarem o culto Judeu Ortodoxo em detrimento do culto criptojudáico que era, até então, quase exclusivo das mulheres.

A Ortodoxia Judaica (Ortodoxia ≠ fanatismo...) é predominantemente masculina, concedendo ao homem mais obrigações (*mitzvot*ⁱ) do que às mulheres. Não é seguramente uma forma de estigmatizar a mulher, pelo contrário é uma forma de a homenagear à sua condição de mãe. (Também para muitos judeus, e isto é uma hipótese meramente especulativa, a mulher é menos propícia à tentação do que o homem, daí a não necessidade de ter tantas obrigações). Ao

i *Mitzvot* é o plural de *Mitzvá*, que significa “mandamento”. (existem 613 mandamentos na Torah, havendo 365 mandamentos negativos – referentes às proibições – e 248 positivos – referentes aos direitos e ao prazer)

homem é atribuída a função de protecção do território e à mulher a protecção dos filhos. Ao homem é atribuída a função de estudar a Lei de Moisés (a Torah) e de ensinar aos filhos a partir do momento em que estes celebrem o *Bar Mitzvá*ⁱ.

Na tradição criptojudáica, a mulher assumiu as rédeas da transmissão da *palavra* que supostamente seria atribuída ao homem. O motivo deste fenómeno é, por hipótese, pela educação estar a cargo da mulher na sociedade e sobretudo porque “era” um ritual atribuído ao homem que, pelas circunstâncias históricas referidas, seria prudente não o praticar de forma evidente.

O Ruiⁱⁱⁱ, entrevistado no documentário referido, explicava os procedimentos, juntamente com os familiares, de como iria aprender a praticar um “judaísmo correcto” (ou seja, Judaísmo Ortodoxo), vemo-lo hoje a cumprir o ritual de *Shabat* de forma absolutamente autêntica e madura, seguindo as *regras*ⁱⁱⁱ praticadas nas comunidades ortodoxas, tal como um judeu ortodoxo adulto residente em Jerusalém. A sua persistência ilustra muito bem o compromisso que a comunidade fez em realizar o Retorno ao Judaísmo idealizado pelo Capitão Barros Basto (Ben Rosh)^{iv}.

Em convívio num *Kidush* de *Shabat* na casa de uma família judaica de Belmonte, ouvir histórias e cantigas é fazer uma viagem no tempo de uma memória triste mas com esperança. É notório o olhar triste, amargurado e profundo da Dona Amélia^v já a entrar na velhice. Uma necessidade de recuar no tempo, não só para salvar o seu filho, falecido por motivos trágicos, como também os ascendentes que sofreram e pereceram pela preservação da sua identidade. É comovente e sombrio presenciarmos uma mágoa que nos observa atentamente *num olhar de quinhentos anos*, onde se adivinham rios de lágrimas dos olhos verdes da senhora. Com a sua voz triste declamava muito ritmada, fixa nos nossos olhos, orações referentes ao sábado, aos alimentos, à paz e à esperança. Também, quando as estrofes eram longas, cerrava os olhos e lia as preces ensinadas pela mãe na escuridão da memória mais profunda. A nossa emoção e aplauso soltava-lhe um breve sorriso que terminava numa questão: “mas isto é assim tão importante, senhor doutor?”. O seu marido, o Sr Abílio^{vi}, mais orgulhoso da sua condição de “Novo Judeu”^{vii}, procurava afirmar o presente dizendo: “ó mulher, hoje não se pratica o judaísmo assim! Agora é como sempre deveria ter sido!”. Ela responde que é assim que apreendeu com a mãe e nunca saberá doutra forma, mas insiste que hoje é o que está bem.

Assim, lavam as mãos no ritual judaico ortodoxo, cumprindo o ritual do “*netilat yadaim*”^{viii}, pedindo apenas que os ajudem no hebraico de forma a que tudo fique “correcto”. •

-
- i *Bar Mitzvá* é a cerimónia da passagem do rapaz, que se torna maduro aos 13 anos, para a sua comunidade judaica. A designação da mesma cerimónia para as raparigas, que é feita aos 11 anos, é *Bat Mitzvá*.
 - ii Pessoa real, embora se preserve o nome de família como forma de manter a sua identidade reservada.
 - iii Ver Anexo I
 - iv Ver Anexo II
 - v Pessoa real, embora se preserve o nome de família como forma de manter a sua identidade reservada. (Falecida poucas semanas após o encontro narrado)
 - vi Pessoa real, embora se preserve o nome de família como forma de manter a sua identidade reservada.
 - vii Relativo ao “*Retorno*”
 - viii Ritual da lavagem das mãos

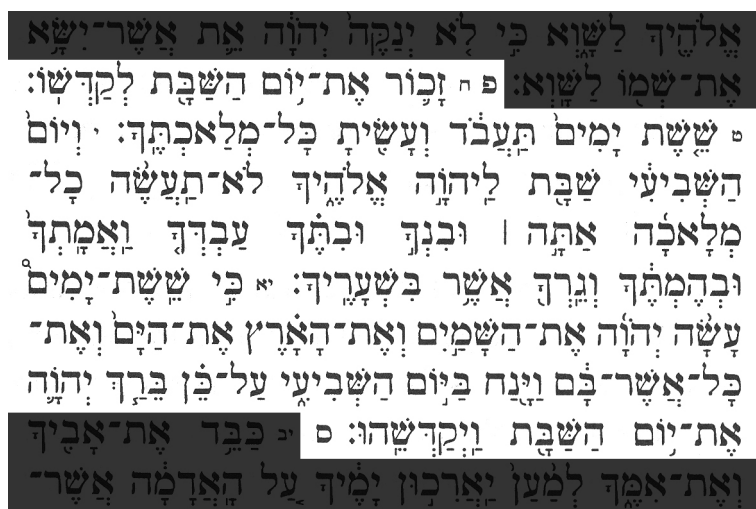


Imagem 23: 4º Mandamento (Êxodo 20) ⁱ nos escritos bíblicos originais.

Esta passagem dos Dez Mandamentos não revela, por si mesma, o profundo significado do papel do *Shabat* no quotidiano da vida de um Judeu e ao longo da História. O facto de ser o único dos Dez Mandamentos que implica uma observância puramente ritual, indica a priori que, segundo a lei judaica, Deus atribuiu como o dia exclusivo na relação entre o Homem e o Divino.

Segundo o Rabino Hayim H. Donimⁱⁱ, para o observador externo – Judeu ou não judeu – o *Shabat* parece ser restritivoⁱⁱⁱ. Uma observação superficial das restrições poderá subentender-se como um dia austero. Todavia, a sua vivência é exactamente o contrário. (Tradicionalmente designa-se “*guardar o Shabat*”). É um dia, segundo os judeus, que se goza a maravilhosa sensação de se desligar de preocupações, pressões resultantes da rotina diária e da recreação secular dos dias da semana. É um dia de tranquilidade pacata, contentamento íntimo e de elevação espiritual (dai a “obrigação” de cantar alegremente musicas de *Shabat*^{iv}).

Na observância ortodoxa, quando o *Shabat* é negligenciado, os textos sagrados deixam de ser estudados regularmente, sobretudo a Torah, que deverá ser estudada nas 54 semanas^v que compõem um ano do calendário hebraico, o que evidentemente arriscam-se a cair no esquecimento. Os comentários dos Rabinos servem para proporcionar conhecimentos adicionais e adaptar os textos sagrados à realidade quotidiana ou, mais especificamente, ensinar as *Hala-*

i “Seis dias trabalharás e farás a toda a tua obra, e o sétimo dia é o Sábado de HaShem, teu Deus; não farás nenhuma obra – tu, teu filho, tua filha, teu servo, tua serva, teu animal e teu peregrino que estiver em tuas cidades; porque em seis dias fez HaShem os céus e a terra, o mar e tudo o que há neles, e repousou no sétimo dia; portanto abençoou HaShem o dia de Sábado e santificou-o.”
 ii Donim, Rav. Hayim Halevy, “O Ser Judeu”, Organização Sionista Mundial - dep. de educação e cultura religiosa para a diáspora, Jerusalém, 5745 (1985)
 iii Ver as obrigações (*Mitzvot*) de *Shabat*, no Anexo I
 iv Ver músicas em anexo
 v Ver Anexo VII que se refere aos 54 capítulos da Torah

*chof*ⁱ. Paralelamente, sem o *Shabat*, e sem a frequência regular na sinagogaⁱⁱ, poderá desmotivar o estudo religioso e a prática do hebraico (sobretudo na Diáspora).

É habitual atribuir ao *Shabat* um dia meramente de descanso, quando se afirma que é “proibido”ⁱⁱⁱ trabalhar. É uma verdade redutora, porque o *Shabat*, tal como é referido acima nos Mandamentos, trata-se de um dia *santo*^{iv} diferente e destacado dos outros dias da semana. É o festejo do sétimo dia da Criação:

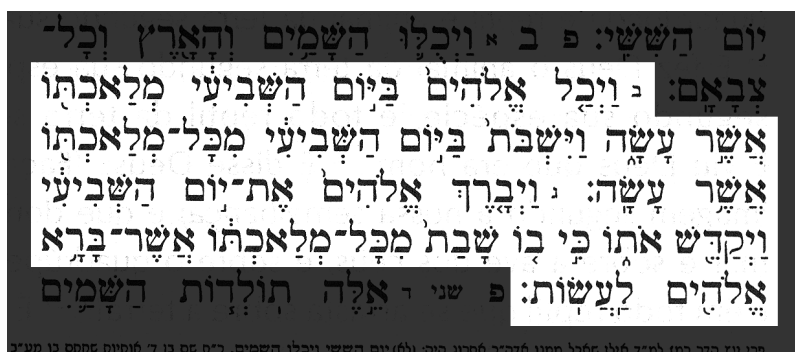


Imagem 24: Gênesis 2:2-3^v. Escritos bíblicos originais.

Não é somente um dia de lazer, mas é um *imago mundi* temporal onde os outros dias da semana circulam em torno deste. Se é um dia pelo qual se abstêm das demandas do mundo ao redor do povo judeu, também é um dia que se procura imbuir um significado e sentido espiritual. Se é um dia destinado a reanimar o corpo, também é um dia destinado a reanimar a alma. Efectivamente “descansar” no *Shabat* tem, para quem assume a sua observância, um sentido distinto de “repousar”.

O *Shabat* inicia-se ao pôr-do-sol de Sexta-feira (mais concretamente ao aparecimento da terceira estrela) e termina ao pôr-do-sol de Sábado^{vi} (também ao aparecimento da terceira estrela).

Momentos significativos do *Shabat* segundo o rito Ortodoxo:

1. Os preparativos de *Shabat*
2. Véspera do *Shabat* (acendimento das velas)
3. O serviço vespertino (*cabalat shabat* após o aparecimento das 3 estrelas)
4. *Kidush* em Casa
5. O *Shacharit*
6. O *kidush* da manhã
7. Termino do *Shabat*: *Havdalah* (3 estrelas) — explicar a havdalah

i Halachot é o plural de Halachá, que significa “guia para a vida à luz da lei judaica”

ii o que é a sinagoga

iii conceito de proibição

iv *yom kadosh* em Hebraico

v “Ao sétimo dia Deus completou a Sua obra que tinha feito, e descansou ao sétimo dia de toda a Sua obra que tinha feito. Deus abençoou o sétimo dia e santificou-o, porque nele descansou de toda a Sua obra que Deus criara e fizera.”

vi Os dias para os judeus iniciam-se ao pôr-do-sol do dia anterior.

1. Os preparativos de *Shabat*

Das 39 proibiçõesⁱ de *Shabat* existem algumas regras imprescindíveis, por exemplo, a proibição de cozinhar ou, de forma extremamente simbólica, fazer pão (entre elas “acender fogo”, “apagar ou diminuir o fogo”, “moer” e “cortar”). Como tal é fundamental preparar o *Shabat*, ou seja, prevenir que o *Shabat* nunca seja “violado”ⁱⁱ. Também, no *Shabat*, *deve-se* embelezar, perfumar, vestir as melhores roupas que se tenha. (Eventualmente, alguns judeus tomam banho durante a preparação do *Shabat* para que não haja necessidade de produzir trabalho durante o dia.)

2. Véspera do *Shabat* (acendimento das velas)

Quando o sol se encontra sobre o horizonte, à sexta-feira, acendem-se as velas de *Shabat*. Estabeleceu-se que quem acende as velas de *Shabat* é a mãe do lar. Trata-se de um ritual normalmente praticado em exclusivo pelas mulheresⁱⁱⁱ. Depois de acendê-las, a mulher fecha os olhos, ou cobre-os com a palma das mãos, e recita a seguinte *berachá*^{iv}:

“Bendito sejas Tu, HaShem, nosso D’us, Rei do Universo, que nos santificaste com Teus mandamentos e nos ordenaste acender a vela de Shabat.”

Depois torna a olhar para as velas.

3. O serviço vespertino

Como foi já referido, o *Shabat* inicia-se ao pôr-do-sol de sexta-feira, após o aparecimento das três primeiras estrelas no céu. Como se poderá constatar, não há uma hora exacta para o início do serviço religioso, que varia de semana para semana durante todo o ano.

Este serviço religioso designa-se como *Cabalat Shabat*, que significa “Recepção do *Shabat*”.

Durante a celebração do *Cabalat Shabat* o Rabino faz um comentário sobre a *Parashá*^v semanal da Torah.

Em algumas comunidades judaicas é cantado o *Shir HaShirim*, o Cântico dos Cânticos, antes do *Cabalat Shabat*. A autoria deste *canto* é atribuída, segundo os judeus, ao Rei Salomão, filho do Rei David, e construtor do primeiro templo (ou *Beit HaMikdash*^{vi}). Trata-se de uma canção de amor, com contornos próximos do erótico. Daqui se direcciona a atribuição de alegria e amor ao Sábado Judaico.

i Ver Anexo I

ii A “violação” do *shabat* não significa algo pecaminoso. Será mais prudente dar um significado mais moderado e mais tolerante como o “não se deve fazer”.

iii O homem também o pode, e deve, praticar se não houver mulheres.

iv *Berachá* significa “bênção”

v *Parashá* é um capítulo da Torah.

vi *Beit* significa “Casa”. *HaMikdash* significa “O Templo”.

4. *Kidush* em Casa

O *Kidush* é uma refeição judaica de cariz religioso e festivo, que neste momento específico é feito após o serviço religioso na Sinagoga.

(A imagem desta refeição para o não-judeu é análoga à imagem da Última Ceia de Jesus ou até à imagem do ritual da comunhão durante a celebração de uma missa cristã.)

O *Kidush* inicia-se com uma bênção ao vinho (*hagafen*), que é o símbolo tradicional de alegria e de festa, que é enchido num cálice. Depois é feito um ritual de lavagem das mãos (*netilat yadaim*), com uma bênção, antes de se fazer finalmente a bênção ao pão, que é bem diferente à imagem do significado cristão: “Bendito sejas tu, *HaShem*, nosso Deus, Rei do Mundo, que faz sair o pão da terra.”.

5. O *Shacharit*

O *Shacharit*ⁱ de *Shabat*, ou o serviço religioso da manhã de Sábado, é muito especial porque é quando se abre a Arca, transporta-se a os Rolos da Torah (*Sefer Torah*ⁱⁱ) para a *Bimã*ⁱⁱⁱ e se lê a *Parashá*^{iv} semanal (caso haja um *Miniam*^v).

6. O *kidush* da manhã

No *Kidush* da manhã é quando os judeus, em família ou em comunidade, discutem tranquilamente, à mesa, com uma refeição, a *parashá* da semana. Também é uma ocasião de ensinamentos dos preceitos judaicos na vida quotidiana.

7. Termino do *Shabat*: *Havdalah*

A *Havdalah*, que significa “separação” ou “divisão”, é o término do *Shabat* a separação do dia santo dos outros dias da semana. Tradicionalmente é anunciado pelas crianças ao pôr-do-sol contando as três primeiras estrelas no céu (como no início do *Shabat*).

Recita-se a *Havdalá* sobre um cálice de vinho e cheira-se especiarias aromáticas. A especiaria aromática significa o revigoramento da alma e o desejo de sorte para a semana que se inicia nesse exacto momento. Também se acende uma chama numa vela especial para a *Havdalá*, que é feita com dois pavios entrelaçados, para dar ideia de uma tocha com o fogo mais vigoroso. Esta chama simboliza o primeiro acto Divino da Criação, que marcou o primeiro dia da semana (*Yom Rishon*), quando Deus disse: *Haja Luz*.

-
- i *Shacharit* significa, basicamente para os Judeus, o serviço religioso da manhã; *Minchá* é o serviço religioso da tarde; *Arvit* é o serviço religioso da noite. No *Yom Kipur*, o Dia do Perdão, excepcionalmente existem mais duas ocasiões do dia para dedicadas ao rezo.
 - ii *Sefer Torah* são os Rolos manuscritos do *pentateuco* que são guardados na Arca que se encontra no lado nascente (ou orientado para Jerusalém noutras partes do globo terrestre) da Sinagoga.
 - iii *Bimã* é uma grande estante, que tradicionalmente se encontra no centro da sinagoga, onde se poussa a Torah em segurança e outros livros.
 - iv Ver Anexo VIII
 - v *Miniam* é como se fosse um *quorum* na Sinagoga. Na tradição Ortodoxa é constituída no mínimo por dez homens. Na tradição Conservadora e Moderna Ortodoxa, dependendo da congregação, a mulher também conta para *miniam*.

Tradição criptojudáica

As Candeias como facto remetente ao acendimento das velas de *Shabat*

Na tradição criptojudáica este ritual é semelhante embora adaptado às circunstâncias históricas dos diferentes territórios. O medo da perseguição, outrora perpetrado pela Inquisição, obrigou os “cristãos-novos” a um culto escondido, ou disfarçado, normalmente praticado no íntimo e na escuridão do lar, com orações adaptadas e em português.



Imagem 25. in Les Derniers Marranes

Em Vilarinho dos Galegos, em Mangualde, esta senhora preservava uma tradição semelhante à do *Shabat* judaico, acendendo uma candeia na sexta-feira ao anoitecer em casa. Não sabe bem porquê. Sabia que era praticado unicamente pelas mulheres. Trata-se de uma tradição que herdou dos seus ancestrais. Embora não se sentisse ameaçada, este ritual não se rezava em frente dos “*chussos*” (como diz quando se refere aos cristãos) para que “eles não aprendessem”ⁱ

Em Belmonte a tradição é idêntica mas aparentemente mais dramática. As reminiscências do medo ainda persistem ao colocar as candeias acesas dentro de um armário, a um nível inferior ao olharⁱⁱ.

i Imagem retirada do documentário “Les Derniers Marranes”

ii Imagem retirada do documentário “Les Derniers Marranes”



Imagem 26. in Les Derniers Marranes

Actualmente ainda há desconfiança face a um outro que seja cristão, fundamentalmente quando se tratam de rituais criptojudaios, cada vez menos praticados (por substituição ao ritual judaico ortodoxo, que durante as duas últimas décadas tem sido praticado nessa comunidade). A susceptibilidade é compreensível, porque persiste uma memória de perseguição e medo que assombrou a História peninsular nos últimos 500 anos.

O apontar para as estrelas

“Não apontes. Se apontares para as estrelas nascem-te verrugas nos dedos.”

Este provérbio está bem enraizado na cultura portuguesa e refere-se exactamente ao perigo de “desmascarar” uma família que praticava o judaísmo secretamente. Como as crianças, tradicionalmente, apontavam para as estrelas para contarem as três primeiras para anunciarem o início ou fim do *Shabat*, seria importante, através de um medo que ensombrasse a sua inocência, que as impedissem de fazer tal gesto por motivos óbvios de sobrevivência e perseguição.

Talvez, por hipótese, a expressão “apontar é feio” também esteja ligada a esta tradição. Todavia, trata-se de um exemplo paradigmático de como o medo, de algo que se desconhece a sua essência, é transversal no tempo e nos contextos civilizacionais. Também é interessante constatar como o medo ultrapassa a esfera de um grupo, descontextualizando-se e tornando-se uma verdade na memória cultural. •

<http://www.vestigiostransgressores.info>

Durante a realização do trabalho de campo, através de entrevistas e convívio com as entidades comprometidas, ou interessadas nesta área de estudo, constatou-se uma convergência pertinente: a urgência da comunicação e a necessidade de difusão de informações concretas sobre esta temática.

Há informação retida e esquecida nas masmorras das bibliotecas, nas profundezas da memória social (nas cantigas e provérbios) e outra excluída nas re-edições por parte das empresas livreiras. No entanto existem eventos, registos, narrativas, memórias e testemunhos que poderão ser mediatizados. Daí este desafio, que poderá ser lento e sujeito a resistências e a preconceitos, mas que ajudará a desenterrar uma memória e continuar a fomentar o *retorno* a uma identidade colectiva ancestral.

A viabilidade futura deste projecto depende da colaboração das entidades académicas de estudos judaicos e criptojudaios, comunidades israelitas nacionais, e internacionais, e outras personalidades interessadas e activas nesta matéria. A importância de esclarecer, informar e ensinar é o garante para a continuidade de uma cultura que sobreviveu através preservação evidente, e não evidente, de uma memória.

Componente técnica

(Este dispositivo mediático foi realizado através da plataforma do Wordpressⁱ, que inclui um *backoffice* livre, que inicialmente apontava como um dispositivo de edição de um *blogue*, e que através da partilha de conhecimento de diferentes utilizadores e investigadores, alargou-se para uma plataforma com constante adição de atributos e funcionalidades. É possível combinar o Design Gráfico (ou Webdesign) e a Interacção através da edição básica e avançada das *Cascade Style Sheets* [CSS] e a programação em *PHP* e *JavaScript*.)

O acesso ao *backoffice* poderá ser alargado a vários utilizadores, com diferentes responsabilidades e direitos, de forma a tornar uma ferramenta mediática mais eficaz e segura. •

i <http://pt.wordpress.org/> (2009)

Qual o interesse de estudo da temática dos cripto judeus num contexto de Design da Imagem? A imagem não é um ónus da verdade em diversas disciplinas de humanidades e em disciplinas científicas. A imagem tanto poderá ser uma mensagem clara como uma dispersão de informação causada pelo deslumbramento e pela cosmética visual.

A imagem na religião poderá ser transmissora de ideais redutores. Neste sentido remete-nos facilmente para a ideia que não há contra-argumento, logo poderemos ficar reféns de um dogma e consequentemente atribuir características sagradas a uma figura em detrimento da essência à qual a religião se baseia. A religião, pelo menos no judaísmo, não é somente metafísica, onde a prática é exclusivamente orientada para uma relação espiritual. A religião também é conduta de vida, transversal a todas as dimensões da existência.

Por exemplo, a Estrela de David (*Magen David* em hebraico) não é um símbolo sagrado no judaísmo. (Embora numa cultura como a peninsular, onde é habitual a ostentação religiosa em colares, muitos crentes actualmente, para se demarcarem dos cristãos, usam este símbolo

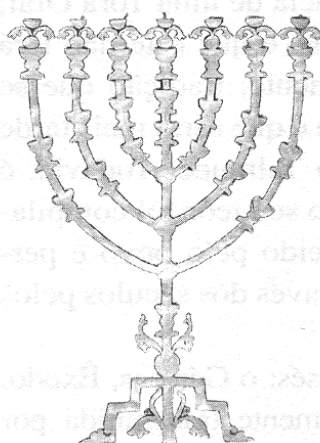


Maguen David

A Maguen David é um tradicional símbolo judaico.

A estrela é composta por dois triângulos, entrelaçados um com a ponta para cima, outro para baixo. Um deles aponta para tudo o que é espiritual e santo. O outro aponta para baixo, para tudo o que é terreno e secular. Ao levar uma vida de Tora e mitsvot, o judeu luta para unir o mundo espiritual e sagrado ao terreno e secular.

Imagem 27: Significado da Estrela de David. In Luís Filipe Sarmento



Menorá

É de presumir que a primeira Menorá tenha sido feita obedecendo a instruções minuciosas de Moisés. A Bíblia afirma que a forma, o desenho e os detalhes da Menorá foram inspirados por revelação do céu. Na Menorá, há seis braços, uma haste central de onde saem três braços de cada lado,

Imagem 28: Significado da Menorá. In Luís Filipe Sarmento

em contraste com a cruz.) A Estrela de David é um diagrama com vários significados, entres os quais, a propósito, a dicotomia entre a *alma* e o *corpo*, onde através do esforço, quer físico quer mental, se deva orientar para um equilíbrio de forma a que a *alma* seja um motor para a existência terrena e o *corpo* um sustento físico, embora mortal, para a relação com Deusⁱ.

(O castiçal judaico de sete bicos, a *Menorah*, também não é um símbolo de adoração. Poderá ter imensos significados, desde históricos, cabalistas e até especulativos. O significado histórico era a sua residência no interior do Templo de Jerusalém, *Beit HaMikdash*ⁱⁱ, no altar mor. Mas também poderá ter um significado diagramático, como a importância da descendência: partindo de uma unidade e ramificando-se para a criação de novas luzes. Ou o símbolo da unidade do Povo de Israel.)

Não será a *fé abstracta*, sem imagem, um garante intemporal de uma verdade que poderá ser reinterpretada em cada momento? O criptojudaismo transportou uma fé sem imagem ao longo de cinco séculos. Sobreviveu sobretudo por não ter imagem.

A relação do Homem com a Imagem é uma relação de dependência na actualidade, é como uma evidência da verdade. A religião, que aufere um esfera complexa e universal, de dimensão infinita, como as ciências abstractas, mas que usa uma linguagem que se encontra com a objectividade contemporânea de forma que a mensagem seja, numa primeira fase, perceptível de forma superficial. Posteriormente deveria desenvolver-se a análise para solidificar o sentido e a conduta inerente à fé religiosa. Abster-se do conhecimento continuado e, consequentemente, prender-se ao dogma primário poderá fomentar um fanatismo fundamentado em regras superficiais e, em casos extremos, proporcionar o pensamento e a acção radical.

Transpondo para a esfera social do mundo regido pela economia de mercado, a imagem pode condicionar a objectividade da existência e proporcionar fantasias de identidade. O Homem, pela obsessão da imagem, devido sobretudo ao bombardeamento das mesmas pelos agentes difusores, torna-se escravo de tendências normalizadas. O *mais importante* não é *ser*, nem adquirir a essência de uma existência que lhe poderá fazer-se afirmar como um indivíduo autêntico. O *mais importante*, por oposição, é *não ser*, é fazer parte de uma identidade colectiva que permite um pensamento normalizado e adequado a uma sobrevivência passiva, aparentemente confortável e segura.

Para os Judeus, a imagem poderá sujeitar o ser humano a estímulos não desejáveis, como a idolatria e a dependência por identidades que poderão desviar da individual. A concentração na adoração de um *ser*, que não é *ser*, mas é algo absolutamente transcendental, poderá ser entendido de forma pragmática como um meio de fazer com que o Homem não se submeta à própria fraqueza em ser uma fantasia programada por si próprio. Será que é desejável cada um de nós projectar um *avatar* como contraponto à dificuldade de existir como indivíduos? Uma proposta não será uma proibição, mas talvez uma prevenção através da sugestão da valoriza-

i Beit Midrash, com o Rabino Daniel Litvak a 22 de Junho de 2009

ii Existiram somente dois Templos, *Beit HaMikdash*, o de Salomão e o de Herodes. Ambos destruídos.

ção continuada de uma identidade colectiva que promova a importância da *existência* individual. Apesar de o ser humano, socialmente, *funcionar* de forma orgânica, como um sistema interdependente, a valorização individual, e a sua afirmação, poderá ser um contributo para que existência não seja redutora como a que mundo das imagens nos tenta fazer acreditar. •

וְלִכְלֹל הַיָּד הַחֲזָקָה, וְלִכְלֹל הַמּוֹרָא הַגָּדוֹל, אֲשֶׁר עָשָׂה
מֹשֶׁה, לְעֵינַי כָּל-יִשְׂרָאֵל.

BASTO, Artur Barros, “HALAPID”, revistas da Comunidade Israelita do Porto”, Comunidade Israelita do Porto, Porto, entre 1927-1958

CANELO, David Augusto, “O Resgate dos Marranos Portugueses”, C. M. Belmonte, Belmonte, 1996

CANELO, David Augusto, “Os últimos criptojudéus em Portugal”, Centro de Cultura Pedro Álvares Cabral, Belmonte, 1987

CHUMASH, Der Shul, “Torá – a Lei de Moisés”, edição brasileira da responsabilidade e coordenação de Jairo Fridlin, Editora e Livraria Sêfer Ltda, Brasil, São Paulo, 2001

ANDRADE, António Júlio & Guimarães, Maria Fernanda, “Carção - A capital do Marranismo”, Associação Cultural dos Almocreves de Carção, associação CARAMigo, Junta de Freguesia de Carção e Câmara Municipal de Vimioso, Vimioso, 2008

DIAMOND, Jared, “Colapso, ascensão e queda das sociedades humanas”, edição portuguesa com a tradução de Ana Sampaio, revisão de Teresa Carreiro e Luís Milheiro, Gradiva, Lisboa, 2008

DONIM, Rav. Hayim Halevy, “O Ser Judeu”, Organização Sionista Mundial - dep. de educação e cultura religiosa para a diáspora, Jerusalém, 5745 (1985)

FERRY, Luc “Famílias, Amo-vos”, tradução de Sandra Silva, Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2008

FOUCAULT, Michel, “A ordem do discurso”, tradução de Laura Sampaio (Brasil) revista por Nuno Nabais, Relógio D’Água, Lisboa, 1997

GIL, José, “Portugal Hoje, o medo de existir”, Relógio D’Água, Lisboa, 2005

MEA, Elvira de Azevedo & Steinhardt, Inácio, “Ben Rosh. Biografia do Capitão Barros Basto”, o Apóstolo dos Marranos, Afrontamento, 1997

MIRCEA, Eliade, “O Sagrado e o Profano”, Livros do Brasil, Lisboa, s/d

PAULO, Amílcar, “A Dispersão dos Sephardim. Judeus hispano-portugueses”, Nova Crítica, 1978

PAULO, Amílcar, “Os Cripto-Judeus”, Athena, Porto, 1970

PAULO, Amílcar, “Os judeus secretos em Portugal”, Labirinto, 1985

RICOER, Paul, “Teoria da Interpretação, o discurso e o excesso de significação”, Tradução: Artur Morao, Edições 70, Lisboa, 2009

RODRIGUES, Adriano Vasco, “Provérbios de origem sefardita no interior da Beira e em Trás-os-Montes”, Câmara Municipal de Mogadouro, 2004

49

SARMENTO, Luís Filipe, “Tora”, Sporpress, 1ª Edição, Lisboa, 2003

SCHWARZ, Samuel, “Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX, sep. do volume IV da “Arqueologia e História” da Associação de Arqueólogos Portugueses, 1925

SCHWARZ, Samuel, “Inscrições Hebraicas em Portugal, sep. do volume I da “Arqueologia e História” da Associação de Arqueólogos Portugueses, 1923

Ligações

Trabalho prático | Vestígios Transgressores (dot) Info
<http://www.vestigiostransgressores.info/>

Comunidade Israelita de Lisboa
<http://www.cilisboa.org/>

Shavei Israel
<http://www.shavei.org>

Comunidade Israelita do Porto
<http://www.comunidade-israelita-porto.org>

O Criptojudaísmo continua em Belmonte por David Augusto Canelo
http://uaisites.adm.br/iclas/linguas_ver.php?CdNotici=15

Wikipedia
Artigo sobre o termo hebraico “Anusim” (ou “Cristão-novo” resultante da conversão forçada)
<http://en.wikipedia.org/wiki/Anusim>

Wikipedia: Massacre de Lisboa de 1506
http://pt.wikipedia.org/wiki/Pogrom_de_Lisboa_de_1506

Wikipedia
Artigo sobre o termo “Marrano” (que significa “porco” que era atribuído ao “Cristão-novo”)
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Marrano>

Judeofobia por por Gustavo D. Perednik
<http://www.masuah.org/judeofobia.htm>

Cristãos-novos em Belmonte

<http://www.cm-belmonte.pt/Judeus/judeus.html>

Sobre Inácio Steinhardt

<http://www.steinhardts.com/>

Referências na Rua da Judiaria

<http://www.ruadajudiaria.com>

Sobre a Sinagoga na Rua de São Miguel no Porto

<http://ruadajudiaria.com/?p=453/>

Sobre o Capitão Barros Basto:

<http://ruadajudiaria.com/?p=549>

Wikipedia: Days of the Week HEBREW

http://en.wikipedia.org/wiki/Hebrew_calendar

Bible and Mishneh Torah for All (2009)

<http://www.mechon-mamre.org/>

Oded Ezer, typography

<http://www.odedezer.com/>

Blog da Comunidade Shema Israel / Impacto na população ibérica

<http://comunidadeshemaisrael.blogspot.com/2009/08/impacto-na-populacao-iberica.html>

Youtube: video sobre os rostos de Israel

<http://www.youtube.com/watch?gl=ES&hl=es&v=Ma5QrXIyBzQ>

hebc.com: Jewish Calendar Tools

<http://www.hebc.com/>

Akhlah: The Jewish Children's Learning Network

<http://www.akhlah.com/>

Dicionário de Hebraico on-line

<http://milon.morfix.co.il/>

Discurso do Rabino Eliahu Brinbaum, responsável religioso pela Shavei Israel, na Sinagoga Mekor Haim, no Porto, no dia 4 de Fevereiro de 2009:

<http://vimeo.com/3088276>

Discurso de Michael Freund, presidente da Shavei Israel, na Sinagoga Mekor Haim, no Porto, no dia 4 de Fevereiro de 2009:

<http://vimeo.com/3188344>

Discurso de Ferrão Filipe, presidente da Comunidade Israelita do Porto, na Sinagoga Mekor Haim, no Porto, no dia 4 de Fevereiro de 2009:

<http://vimeo.com/3188471>

Comentário da *parashat*, pelo Rabino Daniel Litvak, Rabino ao serviço da Shavei Israel para a Comunidade Israelita do Porto, na Sinagoga Mekor Haim, no Porto, no dia 4 de Fevereiro de 2009:

<http://vimeo.com/3188579>

Cinema

“**Les Derniers Marranes**”, documentário, de Frédéric Brenner e Stan Neumann, 1991

“**From Toledo To Jerusalem**” (M’Toleido L’Yerushalayim), musical, Shmuel Imberman & Yehoram Gaon, 1989

- | | |
|-------------------------|---|
| 01. Semear | 21. Atar |
| 02. Arar | 22. Desatar |
| 03. Colher | 23. Coser |
| 04. Agrupar feixes | 24. Rasgar |
| 05. Debulhar | 25. Caçar |
| 06. Dispersar | 26. Abater |
| 07. Catar | 27. Raspar o couro |
| 08. Moer | 28. Curtir o couro |
| 09. Peneirar | 29. Alisar o couro |
| 10. Preparar massa | 30. Demarcar o couro |
| 11. Assar | 31. Cortar |
| 12. Tosquiar | 32. Escrever |
| 13. Lavar a lã | 33. Apagar |
| 14. Desembaraçar a lã | 34. Construir |
| 15. Tingir a lã | 35. Demolir |
| 16. Fiar | 36. Acender fogo |
| 17. Tecer | 37. Apagar ou diminuir o fogo |
| 18. Dar dois nós | 38. Martelar |
| 19. Tecer dois fios | 39. Transportar entre um ambiente particular e um público |
| 20. Separar duas linhas | |

“Tudo se ilumina para aquele que busca a Luz”

** Este texto de Inácio Steinhardt, escrito propositadamente e em exclusivo para a Rua da Judiaria (<http://ruadajudiaria.com>), revela uma faceta praticamente desconhecida do Capitão Barros Bastos. Biógrafo de Barros Basto, Inácio Steinhardt é co-autor, com Elvira Azevedo Mea, do livro “Ben Rosh. Biografia do Capitão Barros Basto” (Mea, Elvira de Azevedo & Steinhardt, Inácio, “Ben Rosh. Biografia do Capitão Barros Basto”, o Apóstolo dos Marranos, Afrontamento, 1997)*



In Comunidade Israelita do Porto

NÃO É UMA MÁXIMA judaica, nem sequer cristã.

É um versículo do “SHAHAR”, o livro básico da doutrina “Oryam”, uma nova religião, que nasceu na cidade do Porto, na década de 1910.

Foi seu fundador e Mestre, um jovem cadete do Exército Português, chamado Arthur Carlos de BARROS BASTO.

Foi ele também o autor do “SHAHAR”, e de mais quatro livros sobre a doutrina do “Oryam”, parte dos quais escritos durante a sua estadia na Flandres, onde, já tenente, comandou um batalhão do Corpo Expedicio-

nário Português, na Primeira Grande Guerra Mundial.

Arthur tinha a obsessão do Fogo e da Luz. Já em pequeno brincava com fósforos, imaginando-se a realizar sacrifícios de uma suposta religião pagã.

A chama eterna e a luz eram um tema constante do ritual do “Oryam”, cujo templo, em lugar improvisado para o efeito, tinha o nome simbólico de Mayan (fonte).

Como se vê, todos estes termos e muitos mais presentes na literatura do “Oryam”, tinham origem hebraica. O próprio nome “Or-Yam”, significa “A Luz do Ocidente”. “Yam” é o mar,

e o lado do mar, em relação à Terra de Israel, é o ocidente. Portanto uma luz nascida não no oriente, mas no ocidente.

Uma consulta à imprensa da época, com muitas notícias e entrevistas sobre os actos do culto “Oryam”, faz pensar que, naquela época, o Mestre Barros Basto tinha angariado muitos adeptos. E um estudo da sua doutrina revela uma ideia religiosa sã e muito humana.

No entanto, Barros Basto ficou na história como o “Apóstolo dos Marranos”, denominação que lhe atribuiu o historiador Cecil Roth, no opúsculo em que descreveu os primórdios da sua “Obra do Resgate”.

E está certo: Barros Basto foi um verdadeiro apóstolo dos Marranos, aos quais dedicou a sua vida e padeceu por eles, morrendo na desgraça, quando todos à sua volta estavam convencidos de que a sua Obra tinha sido vencida pelos duros golpes infligidos pelos seus inimigos, de fora e de dentro.

Mas Barros Basto era um homem de fé inabalável. “Adonai li velo irá” (Tenho Deus comigo, por isso não temerei”). Foi sepultado, segundo o seu desejo, com a sua farda de valeroso capitão, e suas medalhas e condecorações obtidas numa brilhante carreira de militar, na implantação da República em 1910, e nas batalhas da Flandres.

“Se lá no assento etéreo onde subiu, memória desta vida se consente”, Barros Basto terá com certeza a prova de que, cá em baixo, a sua Obra não terminou com a sua morte.

Foi apóstolo dos Marranos, mas ele próprio não era um Marrano. Não tenhamos receio de usar esta palavra, que há muito que deixou de ser o termo pejorativo, que foi na sua origem, para se tornar, pelo esforço de Barros Basto, num distintivo de que se podem orgulhar os que a ele têm jus.

Barros Basto não era um Marrano, porque

esse termo designa o judeu forçado a converter-se ao cristianismo, cuja família continuou a praticar a religião dos seus pais, em segredo, consciente do perigo de morte em que incorria.

Barros Basto era descendente desses judeus convertidos pela força – revelou-lhe muito em segredo, seu avô, na biblioteca da casa em Amarante, quando ele tinha apenas 8 anos. Era um segredo que, em cada geração, só um membro da família Barros Basto guardava. E o avô, antes de morrer, escolheu Arthur, e não o pai deste, para depositário desse segredo.

A família não guardava qualquer preceito judaico, e, pelo contrário, sua extremosa Mãe era católica muito praticante, que o levava à Igreja, e tinha grande desgosto pela aversão que a criança demonstrava, sem saber porquê, aos círios e às procissões.

Da existência de judeus em Portugal só soube em 1904, quando leu num jornal que havia sido inaugurada uma sinagoga em Lisboa.

Foi nessa sinagoga que ele tentou ser admitido, quando, anos mais tarde, o exército o mandou frequentar um curso na Escola Politécnica, em Lisboa.

Mas os dirigentes da sinagoga dissuadiram-no. Não só porque o judaísmo é adverso a aceitar prosélitos, como porque os judeus de Lisboa se sentiam ainda apenas “tolerados” e temiam ser acusados de missionarismo.

O jovem oficial português não foi às cegas para o judaísmo. Pelos seus próprios meios, como autodidacta, ele estudou profundamente e comparou as principais religiões: além do Judaísmo, o Cristianismo, o Islão, e as doutrinas teosóficas de Madame Blavatsky e de Steiner. Vendo baldados todos os seus esforços para ser aceite pelos judeus, aos quais, segundo a revelação de seu avô, ele pertencia, Barros Basto entendeu que, para ser um homem dig-

no não era necessário ser admitido na sinagoga.

Foi então que criou o “Oryam”, com elementos do judaísmo e da teosofia, que falavam à sua forma de pensar.

O “Oryam” terminou quando dois factos importantes o fizeram compreender que ser judeu era um estigma a que o mundo exterior o não deixaria escapar.

O primeiro, foi a noiva, que ele havia escolhido, e com quem tencionava casar, que lhe revelou que a família dela nunca a deixaria casar com um judeu.

O segundo foi um evento na Universidade de Coimbra em honra dos heróicos oficiais portugueses das batalhas da Flandres. Um orador salientou o facto de Barros Basto e um membro da nobreza, que também combatera com ele, deviam ser aparentados. O outro levantou-se indignado, para afirmar peremptoriamente que na família dele não havia judeus.

Arthur não hesitou mais. Foi a Tanger, apresentou-se perante um tribunal rabínico, apresentou todas as provas de conhecimentos de judaísmo, com que procuram dificultar-lhe a conversão e garantiu-lhes que dali não sairia sem um certificado de conversão.

“Tudo se ilumina para aquele que busca a luz” – ou, por outras palavras nada resiste à vontade firme do Homem. “Querer é poder”.

De regresso a Lisboa, apresentou-se na sinagoga como judeu orgulhoso do seu certificado, ali casou com uma judia, e voltou com ela para o Porto.

Aí reuniu os 17 judeus russos, polacos e alemães, que viviam na cidade, que não tinham sinagoga e só pelas festas vinham a Lisboa. Com eles fundou a Comunidade Israelita do Porto, e alugou um andar para servir de sinagoga, onde logo a seguir celebrou o primeiro casamento de um casal russo.

São insondáveis os desígnios da Providência.

Até essa altura Barros Basto não sabia a missão que lhe estava destinada. Ele nunca tinha ouvido falar em Marranos. Os Marranos, que viviam no Porto, na sua maioria provenientes das aldeias de Trás-os-Montes, é que ouviram falar na sinagoga que abrira na cidade. E tal como ele se apresentara na sinagoga de Lisboa, eles começaram a apresentar-se na sinagoga “Mekor Haim” (Fonte da Vida) na Rua do Poço das Patas.

Foi assim que nasceu a “Obra do Resgate”.

Muito se poderia ainda escrever sobre a obra deste herói do judaísmo.

Mas o pano não chega para mais roupa.

“Tudo se ilumina para aquele que busca a Luz” – foi o lema que continuou da desaparecida religião oryamita para o cabeçalho do jornal que Barros Basto publicou na sua comunidade judaica, e cujo nome, “Halapid”, O Facho, continua a lembrar a sua paixão pelo Fogo e pela Luz, que existem dentro de cada um de nós. •

(Retirado do Livro “Tora” de Luís Filipe Sarmento)

A Tora (ou *Torah*) é composta por duas partes distintas: a Lei Escrita e a Lei Oral. Ainda que assumida pela generalidade do povo judeu e pelos grandes especialistas, que têm dedicado a sua vida ao estudo dos Livros de Moisés, esta assunção não colhe o acordo de alguns que, valendo-se do que está escrito na Tora, não acreditam na existência de uma Tora Oral; os ensinamentos que O Eterno terá dado a Moisés e que este não terá escrito nos pergaminhos, fazendo-a passar oralmente; tradição que se repetiria geração após geração até aos dias de hoje e que seria mais tarde transcrita e comentada pelos Grandes Sábios no Talmude. Todavia, é afirmado em inúmeros documentos e artigos que o seu teor foi compilado integralmente no sentido de nunca ser esquecido pelo povo e permanecer imutável no tempo, ao ser transmitido através dos séculos pelos sacerdotes, sábios e chefes.

A Tora é constituída pelos Cinco Livros de Moisés: o Génesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuterónimo. Foi originalmente transmitida por Deus a Moisés, ao permanecer quarenta dias e quarenta noites na presença do Eterno, sem comer, sem beber e sem dormir, o que o poderá ter levado a um estado de exaltação mística comparado com o estado dos anjos, sem qualquer ligação ao meio físico.

A Tora é, hoje, também conhecida por Leis de Moisés, Chumash ou Pentateuco; e composta por Cinco Livros: *Bereshit*, ou Génesis; *Shemot*, ou Êxodo; *Vaikrá*, ou Levítico; *Bamidbar*, ou Números; e *Devarim*, ou Deuterónimo.

A palavra Tora pode significar tanto orientação, educação, instrução, lei, como também, caminho, conduta, destino, observação. E, acreditam os judeus, que se trata de um guia fundamental e que ao ser estudada e observada leva o indivíduo a uma compreensão ímpar do verdadeiro e autêntico destino do homem no mundo e no universo. Nela existem 613 mandamentos (*mitsvá*), dividindo-se em 248 positivos, *o que deve fazer-se*, que



Magen David

A Magen David é um tradicional símbolo judaico.

A estrela é composta por dois triângulos, entrelaçados um com a ponta para cima, outro para baixo. Um deles aponta para tudo o que é espiritual e santo. O outro aponta para baixo, para tudo o que é terreno e secular. Ao levar uma vida de Tora e mitsvot, o judeu luta para unir o mundo espiritual e sagrado ao terreno e secular.

equivalem ao número de órgãos humanos; e 365 negativos, *o que não se deve fazer*, que equivalem ao número de vasos sanguíneos no corpo humano, assim como ao número de dias que contém um ano. A Tora, começa, assim, por nos colocar grandes interrogações no espírito. Livro cabalístico, com certeza, a Tora ainda hoje é fonte de surpresas e entusiasmos cada vez que um grupo de estudiosos descodifica o oculto, aumentando, imediatamente, o número de questões por esclarecer. Há quem pense que os 248 preceitos positivos que correspondem, como já se disse, ao número de órgãos do corpo humano, apontem para um diálogo entre cada órgão e o indivíduo, como se cada membro do corpo humano dissesse «deverás cumprir um preceito comigo»; e que os 365 preceitos negativos, que estão directamente relacionados com o número de dias do ano solar, dissessem, por sua vez, ao indivíduo «hoje não deves cometer nenhuma transgressão». Todos estes preceitos, ordenanças, leis e obrigações religam o povo judeu ao Eterno e ao seu semelhante, e esse será o grande objectivo das suas vidas no mundo material e a sua ligação contínua ao mundo espiritual, que nunca aparecem, em momento algum, desligados entre si.

Para o povo judeu, a Tora tem sido sempre igual ao longo dos séculos, meticulosamente copiada e guardada nas Arcas Sagradas das sinagogas, e sendo a Lei do Eterno, é, por isso, Eterna, ainda que nem sempre os judeus tenham podido pôr em prática todos os seus preceitos. Contudo, o seu estudo e observância, pode ser considerado, já de si, o cumprimento dessa Lei.

A Tora serve para designar, no contexto bíblico, o conjunto dos Cinco Livros de Moisés e que originariamente se referia a uma



Menorá

É de presumir que a primeira Menorá tenha sido feita obedecendo a instruções minuciosas de Moisés. A Bíblia afirma que a forma, o desenho e os detalhes da Menorá foram inspirados por revelação do céu. Na Menorá, há seis braços, uma haste central de onde saem três braços de cada lado,

instrução específica transmitida aos Filhos de Israel por alguém que fizesse o elo de ligação entre O Eterno e o seu povo. Por serem esses ensinamentos, essencialmente, modos de vida traduzidos em preceitos, a Tora é, por isso, muitas vezes apresentada como o Livro da Lei, mas também é conhecida a sua unidade como Pentateuco, expressão grega para designar os cinco pergaminhos, ou seja, os Cinco Livros de Moisés.

Durante muitos séculos houve a convicção profunda de que todos esses preceitos passados a treze rolos de pergaminho teriam sido efetivamente escritos por Moisés, segundo orientações divinas específicas. Os rabinos aceitavam esta verdade, mas eruditos modernos apontam para caminhos muito mais complexos. Dizem os especialistas que o Pentateuco é, assim, uma obra compósita que só atinge a sua forma final depois do exílio da Babilónia, muitos anos após a morte de Moisés.

Baseando-se em diferenças linguísticas, estilos, perspectivas e também narrações de circunstâncias históricas, os eruditos detectam quatro fontes estruturalmente identificadas. O primeiro dos Cinco Livros, o Livro do Génesis, descreve a criação do mundo, da vida e do nascimento da civilização humana, numa construção narrativa épica que aborda as vidas dos grandes patriarcas; conta a construção do mundo e da humanidade, a vida dos patriarcas Abraão, Isaac e Jacob, sendo a terceira parte dedicada à história de José, ao encontro com os seus irmãos e ao estabelecimento dos doze filhos de Jacob que formariam as Doze Tribos de Israel. Já o segundo Livro, o do Êxodo, narra a vida de Moisés e o aparecimento de Deus perante si, ou as maravilhas realizadas pelo Eterno contra o Faraó, concentrando o seu relato no sofrimento e na

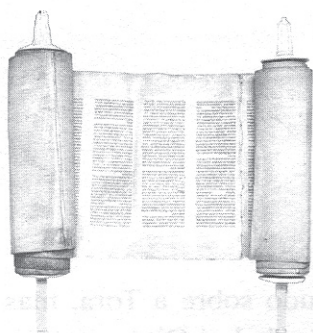


A Coroa da Tora

A coroa da Tora é colocada nas extremidades dos pergaminhos ou sobre o manto que cobre as Arcas.

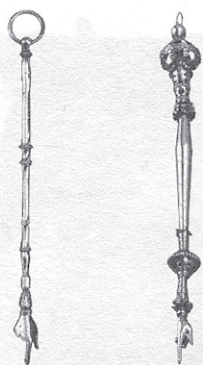
escravização dos Filhos de Israel, no Egito, e o seu caminho para a libertação, orientado pelas palavras de Deus, através da boca de Moisés, quando o Pacto Divino é estabelecido no Monte Sinai, fazendo comprometer, assim, o povo à observância de todas as suas ordenanças e de todos os seus preceitos; nele está descrito uma grande parte da constituição civil e religiosa do povo judeu. O Levítico e os Números estabelecem minuciosamente a Lei, assim como os sacrifícios e rituais de consagração de Aarão e de seus filhos como sacerdotes, as leis, a dieta alimentar judaica, as da impureza e pureza que devem ser observadas pelo povo de Deus, e as Festas e datas sagradas reservadas aos Filhos de Israel e a todos os estrangeiros que vivem no seio da comunidade. Os censos dos Filhos de Israel divididos em Doze Tribos e suas disposições, a consagração dos levitas para o serviço do Tabernáculo, a travessia do Deserto e o seu sofrimento e a chegada do povo judeu às margens orientais do Jordão constituem a narrativa de Números. O último Livro, o Deuteronomio, faz um resumo da legislação, acentuando a necessidade absoluta da observância, abreviando, num estilo menos pesado, as narrativas dos Livros anteriores, dando a conhecer os discursos de Moisés ao povo, fazendo-lhes relembrar a necessidade do cumprimento de todos os preceitos, assim como o seu Canto, terminando com a sua morte, ao passar o testemunho da chefia a Josué, que, finalmente, entra com os Filhos de Israel na Terra prometida e jurada de Canaan.

O povo judeu continua a ter a convicção de que a Tora foi ditada a Moisés letra a letra, palavra a palavra e que o êxito da longevidade religiosa judaica tem a ver com a meticulosa



Os Pergaminhos da Tora

A Tora é tradicionalmente escrita em pergaminhos, que são guardados nas sinagogas, num recipiente designado por Arca.



Yod ou Ponteiro

A palavra yod significa 'mão' literalmente, já que o ponteiro usado para ler o pergaminho da Tora tem a forma de uma mão. É usado para evitar tocar no texto sagrado ou sujá-lo, dirigindo a atenção do leitor para a palavra exacta que está a ler.

transmissão do texto divino. Moisés terá feito treze cópias da Tora, entregando a cada uma das tribos dos Filhos de Israel um exemplar e colocando na Arca da Aliança o décimo terceiro exemplar em pergaminho.

Uma cópia que servia como "texto de prova" era sempre mantida no Templo Sagrado de Jerusalém e após a destruição do último templo os Grandes Sábios faziam reuniões periódicas para, assim, purgar o texto de qualquer falha.

A Tora, em hebraico, tem 304.805 letras e 79.976 palavras. O rolo da Tora deverá ser copiado meticulosamente por especialistas para não se perder o seu verdadeiro valor cabalístico e o seu trabalho poderá levar mais de duas mil horas. O Talmude aponta para mais de vinte factores relevantes para que um rolo da Tora possa ser considerado apto. Através dos séculos, os escribas judeus têm respeitado até hoje as normas, as obrigações e os preceitos para a realização das cópias da Tora. O escriba deverá ser, antes do mais, um judeu erudito e que seja certificado para fazer este trabalho, considerado como uma missão divina. Os materiais devem estar de acordo com especificações rigorosas e deverão ser preparados com o objectivo de escrever um rolo da Tora, seja a pena, a tinta ou o pergaminho. O rolo será inutilizado se uma só letra for adicionada ou apagada. Nem o escriba poderá transcrever uma letra sem a confirmar num outro rolo que deverá estar aberto à sua frente e que é a prova autêntica da sua cópia. Cada palavra deverá ser pronunciada em voz alta antes de a copiar do texto que lhe serve de prova. As letras entre si têm um espaço determinado que não poderá ser inutilizado, correndo-se o risco de invalidar a Tora se uma das letras tocar ou colar numa outra. E se uma única letra está de tal maneira alterada ou da-

nificada que não possa ser lida ou que se assemelhe a outra por defeito da escrita, o rolo da Tora será completamente invalidado. E tudo isto porque, para além de todos os valores simbólicos que encerra, o texto deverá ser lido sem dificuldade por qualquer pessoa, incluindo crianças em idade escolar. Duas palavras não poderão parecer uma só, pelo que há especificações precisas no espaço entre palavras. Não se podem alterar os formatos das secções, mantendo-se dentro do espaço das linhas e configurações de parágrafos. Um rolo da Tora que não esteja nas devidas condições para a sua consagração deverá ser enterrado. Estas e muito mais orientações constam de documentos e artigos consultados através de vários meios e informações obtidas junto de especialistas.

Quando o escriba acaba de transcrever um rolo da Tora e ele fica pronto para ser depositado, quer em sinagogas, quer em centros de estudo, onde deverá ser utilizado para os serviços religiosos judaicos, há lugar a uma grande festa. A partir do momento em que o rolo fica pronto, ele será aberto, lido e santificado por todos aqueles que irão usufruir da sua leitura.

A Tora é historicamente a experiência divina que todo o povo judeu vivenciou no Sinai e a sua transmissão até aos dias de hoje tornou-se na glória e perseverança de uma crença e atitude religiosa. Para os judeus, a Tora é o primeiro documento a reconhecer o valor de cada indivíduo e não unicamente de nobres e reis, porque se trata de um caminho a percorrer, uma orientação a seguir, uma instrução para a vida, ditada minuciosamente pela própria boca de Deus face a face com Moisés. Nela, o povo judeu reconhece os valores fundamentais do ser humano, os seus direitos, a sua educação universal, a ética, a justiça, assim como o respeito pelo ambiente, a liberdade, a esperança, o progresso e a crença no seu destino e no seu futuro. Assim, os preceitos da Tora acompanham todos os comportamentos e fases da vida da comunidade e sendo uma orientação divina encerra em si as atitudes que se deverá ter para com Deus e para com o próximo, no sentido de atingir os mais altos padrões morais.

O grande desafio e integridade do povo judeu foi o facto de ter sabido manter a completa fidelidade do texto original, sendo ele um documento tão antigo, extenso e complexo como o é a Tora, em circunstâncias tão adversas como aquelas que a história reconhece aos seguidores da palavra do Eterno, como as perseguições de que foram objecto e que os levou a uma das mais fascinantes aventuras da sua existência como testifica a sua diáspora. Apesar de tudo, somente os pergaminhos da Tora iemenitas apresentam algumas diferenças dos restantes em apenas nove

letras. E isto porque durante algumas centenas de anos, a comunidade iemenita não fez parte da congregação que impunha o sistema global de verificação. Contudo, dizem os especialistas, as diferenças são apenas no soletrar e nenhuma delas altera o sentido das palavras. Mas, partindo do princípio que uma letra mal desenhada retira à Tora todo o seu valor sagrado, que dizer dos pergaminhos iemenitas? Sendo as diferenças tão aparentemente irrisórias, o mínimo que se pode dizer é que o resultado através da história é admirável.

(Retirado da publicação dos 70 anos da Sinagoga Mekor Haim realizada pela Comunidade Israelita do Porto)



In Comunidade Israelita do Porto

A presença de judeus em na Península Ibérica remonta ao séc. III a.c., tendo chegado juntamente com os fenícios e posteriormente em maior número durante a ocupação romana da Palestina.

No período visigótico são já várias as comunidades referenciadas e durante o período de ocupação árabe os judeus viveram um período de florescimento que ainda hoje é conhecido como a época dourada de Sefarad, onde o desenvolvimento das suas comunidades está aliada a uma enorme actividade cultural, científica e financeira em todo o El-Andaluz.

Desde os primórdios da nacionalidade que a minoria judaica marcou uma posição de relevo na emancipação do Reino de Portugal. D. Afonso Henriques tinha como seu chefe financeiro o Rabino Yahia Ben Yahi, e na cor-

te portuguesa o lugar dos médicos e homens letrados foram sempre ocupados por judeus. Na nossa primeira dinastia os judeus gozaram da protecção da Coroa e tiveram até uma vida calma, sem violência ou perseguições, ao contrário do que sucedia no resto da península.

Na cidade do Porto á relatos de existência de uma Sinagoga situada na rua das Aldas, próximo da Sé e posteriormente, com a atribuição por D.João I, do Campo do Olival para aí se instalar a nova judiaria e a vinda para Portugal de milhares de judeus vindos de Espanha proporcionaram um franco crescimento da população judaica em Portugal e particularmente na cidade do Porto.

No período anterior ao Édito de Expulsão existiam duas Sinagogas, a famosa ESNAGA e a sinagoga de Monchique e um grande nú-

mero de famílias judaicas que viviam e trabalhavam no Porto, com actividades mercantis, algibebees, médicos e financeiros.

O casamento do rei D. Manuel I com a filha dos Reis Católicos de Castela levou a que este por imposição dos sogros decretasse a conversão forçada dos judeus portugueses, conhecido como “baptismo em pé”, e posteriormente à instalação da Inquisição em Portugal.

A época moderna foi portanto um período negro da história judaica em Portugal. Aqueles que tiveram condições iniciaram uma imensa Diáspora, que os levou até Amsterdão, Antuérpia, Londres, Bordéus, Hamburgo, Veneza, Livorno, Ferrara, Salónica e Istambul e posteriormente até ao Novo Mundo (América do Norte e do Sul) passando pelas ilhas Atlânticas (Madeira, Açores, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe).

No entanto a grande maioria foi obrigada a viver como cristãos-novos, que na clandestinidade e no interior de suas casas continuavam a profecer a sua fé à Lei de Moisés. Esta dupla identidade está na origem do hoje denominado marranismo. Os “marranos” são o fruto de uma resistência ao Santo Ofício e um testemunho à uma fé que nunca abandonaram.

No século XVIII, o Marquês de Pombal, com a sua política de despotismo iluminado põe fim aos autos de fé e outras práticas terríficas da Inquisição, embora não tendo conseguido a sua extinção. Esta só oficialmente acontece em 1823 durante o período do liberalismo português.

É no sec. XIX que voltam a haver comunidades judaicas organizadas em Portugal, sobretudo em Lisboa com a vinda de numerosas famílias de Marrocos e Gibraltar, a que se juntaram

outros estrangeiros de origem askanasi.

No Porto só depois da implantação da República em 1910 é que através do Capitão Arthur Barros Basto, um herói da 1ª Guerra Mundial, de origem marrana, que faz a sua conversão ao judaísmo, é criada a Comunidade Israelita do Porto em 1923.

Ben-Rosh (nome judaico de Barros Basto) inicia então aquilo que hoje é conhecido como a OBRA DO RESGATE, e que consiste em trazer de novo à Casa de Israel uma imensidão de “marranos” que contra tudo e contra todos tinham permanecido fiéis à sua fé.

Os primeiros frutos desse trabalho de resgate dos marranos aconteceu particularmente na região de Trás-os-Montes e Beiras, organizando novas comunidades em Bragança, Vila Real, Mirandela e Covilhã. Mais tarde a descoberta dos cripto-judeus de Belmonte veio dar ainda mais visibilidade a esta realidade portuguesa que é o marranismo.

Para substanciar este seu trabalho o capitão Barros Basto inicia em 1929 a construção de uma Sinagoga na cidade do Porto, que com o apoio de capitais ingleses e holandeses, o Português Marrano Committee, e com o apoio fundamental da Família Kadoorie, tem a sua inauguração em 16 de Janeiro de 1938.

Numa época em que se destruíam e queimavam sinagogas por toda a Europa e o anti-semitismo e a ameaça nazi eram uma tenebrosa realidade, surge a SINAGOGA MEKOR HAIM que demonstra capacidade de resistência indomável dos portuenses, que edificaram um belíssimo monumento, a catedral dos marranos do Norte como lhe chamava Barros Basto.

Mas não era a hora certa. Os trágicos acontecimentos que levaram á II Guerra Mundial e o holocausto que o regime nazi originou, fez que a década de 40 fosse dedicada ao apoio aos milhares de refugiados judeus que passaram por Portugal, na sua maioria de ascendência askanazi, tendo muitas famílias se radicado entre nós e se constituído como membros da Comunidade do Porto.

Por outro lado uma campanha caluniosa e difamatória muito bem orquestrado pelos súbditos do regime salazarista levaram ao afastamento do exército do Capitão Barros Basto, estando até aos dias de hoje por reabilitar o seu bom nome (vidé texto Petição).

A Sinagoga Mekor Haim foi mantendo o seu funcionamento de uma forma discreta, celebrando as festividades judaicas, mas sem crescimento da comunidade e com um alheamento crescente dos judeus que residiam na área do grande Porto.

No entanto o anseio e o sonho do capitão Barros Basto manteve-se viva e com a visita do Grão Rabino Sefardita Shlomo Amar, que apadrinhou a oferta de uma nova Sefer Tora, oferecida pela Família Bemdov, refugiados lituanos que casaram na Sinagoga Mekor Haim, verificou-se o reacender da chama do facho (Ha-Lapid) da esperança de uma vida judaica na cidade do Porto.

Desde 2004, com o apoio da organização SHAVEI ISRAEL, que tem mantido a presença de um Rabino na nossa Comunidade, iniciou um programa de estudos com a supervisão dos Rabinos Elisha Salas, Elizer Shai di Martino e actualmente com o Rabino Daniel Litvak, que se concretizou no retorno de um grupo de novos membros que teve em Jerusalém o seu Bet-Din de Retorno à Casa de Isra-

el em Janeiro de 2007. Uma renovada Mikvê Kasher de retorno e Purificação, inaugurada pelo Grande Rabino de Israel Yona Metzger veio também contribuir para que a Sinagoga Mekor Haim reúna todas as condições para se tornar a tão desejada catedral “marrana” do Norte de Portugal e que o rito sefardita português seja de novo o nosso instrumento de culto.

Finalmente o sonho de Ben-Rosh, denominado o Apóstolo dos Marranos, teve a sua concretização. Uma vivência judaica tornava-se realidade na cidade do Porto, e a continuação dos trabalhos da Obra do Resgate está novamente na ordem do dia. Em diversas cidades de Tras-os-Montes e das Beiras estão sendo efectuados trabalhos para que todos aqueles portugueses, “marranos” de ascendência judaica possam, se assim o desejarem, retornar à Casa de Israel e viverem a Lei de Moisés e a sua Fé em plena liberdade.

A SINAGOGA MEKOR HAIM (FONTE DA VIDA) ao completar os seus 70 anos de existência tem de novo as suas portas abertas a todos os Anusim (marranos) que desejem praticar o judaísmo, iniciando o seu processo de retorno, manifestando a sua fé na crença de um único D’us. Baruch Hashem !

Porto, 16 de Janeiro de 2008 / 9 Shebat 5768

LES DERNIERS MARRANES



un film de

Frédéric Brenner
Stan Neumann

Prix Futura à Berlin - 1990

En 1500, au moment même où Cabral découvrait le Brésil, 100 000 juifs portugais furent sommés de choisir entre la conversion au catholicisme et l'exil.

Ils se sont convertis en masse, mais la plupart d'entre eux continuèrent à judaïser en secret, au péril de leur vie.

Ceux-là, les chrétiens les appelaient les Marranos, c'est à dire les porcs.

Ayant accepté le baptême, les Tribunaux de l'Inquisition les considéraient comme hérétiques et les traquèrent sans relâche de 1536 à 1760.

Les Marranes ont tous disparu du Portugal. Tous, sauf ceux de Belmonte, une centaine de personnes, qui aujourd'hui, continuent à pratiquer en secret ce judaïsme clandestin, vieux de cinq siècles.

THE LAST MARRANOS

In 1500, at the time Cabral was discovering Brazil, 100,000 Portuguese Jews were commanded to choose between conversion to catholicism and exile.

They converted in mass, but the majority of them continued to practise their religion in secret at the peril of their lives.

They were called "Marranos" by the christians, that is to say "the pigs".

Having "accepted" baptism, the tribunals of the Inquisition considered them heretics and hunted them down without respite from 1536 to 1760.

The Marranes disappeared from Portugal. All except for the Belmonte, about a hundred souls, who today continue to practise in secret a clandestine Judaism five centuries old.

Réalisateur/Director : Frédéric Brenner

Stan Neumann

Auteur/Author : Frédéric Brenner, Stan Neumann

Producteurs/Producers : Les Films d'Ici

Partenaires/Partners : La Sept Arte, Mémoire et Histoire, Canaan

Production

Durée/Length : 52'

Distributeurs/Distributors : Europe Images International
Arte Vidéo

Année/Year : 1990

ISAN 0000 0001 9E5E 0000 N 0000 0000 5

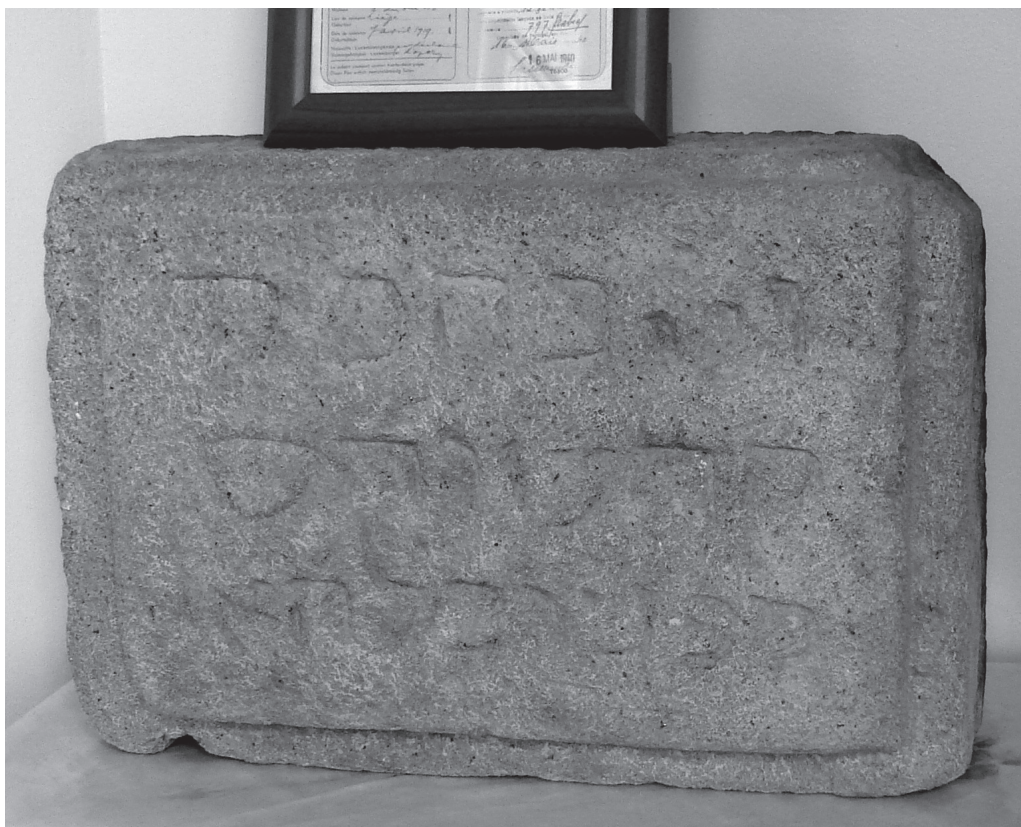


Les Films d'Ici 62 boulevard Davout 75020 Paris. tel : (+33) 1 44 52 23 23 fax : (+33) 1 44 52 23 24

www.lesfilmsdici.fr

Anexo VI | Lápide da Antiga Sinagoga de Belmonte | *Final do Século XIII*

66



In Comunidade Israelita do Porto

Leitura :	1) :	וּיֹו בְּחֶכֶל ל
	2) :	קִדְשׁוֹ הָאֵל
	3) :	מִפְנֵי כָל הָא
	4) :	רִץ
Tradução :	1) E ADONAI (Deus) ESTÁ NO SEU TEMPLO	
	2) SAGRADO, EMUDECE	
	3) PERANTE ELE TODA A TER-	
	4) RA	
	(Leitura e tradução de Samuel Schwarz)	

In David Augusto Canelo

01. Eu sou *HaShem*, teu Deus, Aquele que te tirou da terra do Egito, da casa da escravidão.
02. Não reconhecerás os deuses de outros na Minha presença. Não farás nenhuma imagem talhada nem nenhuma semelhança daquilo que está acima, nos céus, nem em baixo, na terra, nem na água debaixo da terra. Não te prostrarás perante eles nem os adorarás, porque Eu sou *HaShem*, o teu Deus, um Deus Zeloso, que tem presente o pecado dos pais sobre os filhos até à terceira e quarta geração daqueles que são os Meus inimigos; mas que mostra benevolência com milhares de gerações a todos aqueles que Me amam e observam os Meus preceitos.
03. Não tomarás o nome de *HaShem*, teu Deus em vão, porque *HaShem* não absolverá ninguém que tome o Seu Nome em vão.
04. Recorda o dia do *shabat*, para o santificar. Seis dias trabalharás e completarás todo o teu trabalho, mas o sétimo dia é o *shabat* para *HaShem*, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, o teu filho, a tua filha, o teu escravo, a tua escrava, o teu animal nem o teu estrangeiro que está dentro das tuas portas; porque em seis dias *HaShem* fez os céus e a terra, o mar e tudo que há neles, e descansou ao sétimo dia. Por isso, *HaShem* abençoou o dia do *shabat* e santificou-o.
05. Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias sobre a terra que *HaShem*, teu Deus, te dá.
06. Não matarás.
07. Não cometerás adultério.
08. Não roubarás.
09. Não prestarás falso testemunho contra o teu próximo.
10. Não cobiçarás a casa do teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, o seu servo, a sua serva, o seu boi, o seu jumento, nem nada que pertença ao teu próximo.

בראשית / Bereshit / Gênesis				
בראשית	1	Bereshit	מצורע	328 Metsorá
נח	16	Nôach	אחרי	337 Acharê
לך לך	29	Lech Lechá	קדושים	346 Kedoshím
וירא	42	Vaierá	אמור	354 Emór
חיי שרה	58	Chaiê Sará	בהר	366 Behar
תולדות	68	Toledot	בחוקתי	373 Bechucotai
ויצא	78	Vaietsê		
וישלח	92	Vayishlach		
וישב	106	Vaieshev		
מקץ	118	Mikêts		
ויגש	131	Vayigásh		
ויחי	141	Vaichi		
שמות / Shemot / Êxodo			במדבר / Bamidbar / Números	
שמות	153	Shemot	במדבר	383 Bamidbar
וארא	167	Vaerá	נשא	395 Nassó
בא	180	Bó	בהעלותך	410 Behaalotechá
בשלח	193	Beshalách	שלח	425 Shelách
יתרו	208	Yitró	קרח	436 Côrach
משפטים	218	Mishpatim	חוקת	446 Chucat
תרומה	232	Terumá	בלק	457 Balac
תצוה	243	Tetsavê	פנחס	468 Pinechás
כי תשא	255	Ki Tissá	מטות	482 Matót
ויקהל	271	Vaiac'hel	מסעי	492 Mas'ê
פקודי	280	Pecudê		
ויקרא / Vayicrá / Levítico			דברים / Devarim / Deuteronomio	
ויקרא	288	Vayicrá	דברים	503 Devarim
צו	301	Tsav	ואתחנן	515 Vaetchanán
שמעו	310	Shemini	עקב	528 Êkev
תזריע	321	Tazría	ראה	540 Reê
			שופטים	555 Shofetim
			כי תצא	566 Ki Tetsê
			כי תבוא	578 Ki Tavô
			נצבים	590 Nitsavim
			וילך	595 Vaiêlech
			האזינו	599 Haazínu
			וזאת הברכה	606 Vezot Haberacha

XV

- 1 Eu creio com fé completa que o Criador, bendito seja o Seu Nome, Ele só, fez as criaturas e as dirige e Ele só, fez, faz e fará todas as obras.
- 2 Eu creio com fé completa que o Criador, bendito seja o Seu Nome, Ele é o Único e não há Unicidade como a Dele, de nenhuma maneira. E só Ele é nosso Deus; Ele existiu, existe e existirá para sempre.
- 3 Eu creio com fé completa que o Criador, bendito seja o Seu Nome, não é corpo e não se pode assemelhar à matéria. E Ele não tem nenhuma comparação com qualquer coisa.
- 4 Eu creio com fé completa que o Criador, bendito seja o Seu Nome, Ele é o primeiro e o último, sem fim.
- 5 Eu creio com fé completa que o Criador, bendito seja o Seu Nome, a Ele só, se deve rezar e não a outro.
- 6 Eu creio com fé completa que todas as palavras dos profetas são verdadeiras.
- 7 Eu creio com fé completa que a profecia de Moisés, nosso mestre, de bendita memória, é verdadeira e que Ele é o pai (mestre) de todos os profetas anteriores e posteriores a ele.
- 8 Eu creio com fé completa que toda a Lei que se encontra em nossas mãos é a que foi dada a Moisés, nosso mestre, de bendita memória.
- 9 Eu creio com fé completa que esta Lei não foi trocada, nem haverá outra Lei por parte do Criador, bendito seja o Seu Nome.
- 10 Eu creio com fé completa que o Criador, bendito seja o Seu Nome, Ele conhece todas as obras dos homens e todos os seus pensamentos, pois assim foi dito: "O Criador de todos os corações conhece todas as suas obras".
- 11 Eu creio com fé completa que o Criador, bendito seja o Seu Nome, recompensa aos que guardam os Seus preceitos e pune os que os transgridem.
- 12 Eu creio com fé completa na vinda do Messias, e apesar dele tardar em vir, contudo esperá-lo-ei em cada dia.
- 13 Eu creio com fé completa que haverá a ressurreição dos mortos quando for de agrado do Criador, bendito seja o Seu Nome e exalçada a Sua lembrança para todo o sempre.

א אני מאמין באמונה שלמה, שהבורא יתברך שמו הוא בורא ומנהיג לְכָל הַבְּרִיאָה, והוא לבדו עֹשֶׂה וְעוֹשֶׂה וְעֹשֶׂה לְכָל הַמַּעֲשִׂים.

ב אני מאמין באמונה שלמה, שהבורא יתברך שמו הוא יחיד ואין יחידות כמוהו בְּשֵׁם פְּנִים, והוא לבדו אֱלֹהֵינוּ. הֵנָּה הַחֵדָּה יְהִיָּה.

ג אני מאמין באמונה שלמה, שהבורא יתברך שמו אינו גוף, ולא ישינוהו משיגי הגוף, ואין לו שום דמיון כלל.

ד אני מאמין באמונה שלמה, שהבורא יתברך שמו הוא ראשון והוא אחרון.

ה אני מאמין באמונה שלמה, שהבורא יתברך שמו לו לבדו ראוי להתפלה, ואין לוֹדְלוֹתוֹ ראוי להתפלה.

ו אני מאמין באמונה שלמה, שכל דברי נביאים אמת.

ז אני מאמין באמונה שלמה, שנביאת משה רבנו עליו השלום היתה אמיתית, ושהוא היה אב לנביאים, לקודמים לסניו ולבאים אחריו.

ח אני מאמין באמונה שלמה, שכל התורה המצויה עתה בְּיָדֵינוּ היא הנתונה למשה רבינו עליו השלום.

ט אני מאמין באמונה שלמה, שזאת התורה לא תהא מחלֶקֶת ולא תהא תורה אחרת מאת הבורא יתברך שמו.

י אני מאמין באמונה שלמה, שהבורא יתברך שמו יודע, כל מעשה בני אדם וכל מחשבותם, שנאמר: הַיָּצַר יְחִיד לִבָּם הַמִּבְרִין אֵל כָּל מַעֲשֵׂיהֶם: יא אני מאמין באמונה שלמה, שהבורא יתברך שמו גומל טוב לשומרי מצותיו ומעניש לעוברי מצותיו.

יב אני מאמין באמונה שלמה בביאת המשיח, ואף על פי שיתקמה, עם כל זה אֲחַקֶּה לוֹ בְּכָל יוֹם שִׁבּוּא.

יג אני מאמין באמונה שלמה, שמהיה תחית המתים, בעת שיעלה רצון מאת הבורא יתברך שמו ויתעלה זכרו לעד ולנצח נצחים.

i Moises Maimonides (1135-1204) Rabino, teólogo Judeu Espanhol, um dos maiores pensadores e interpretes da Torah de todos os tempos.

*Projecto práctico (www.bneianusim.info)
por Ricardo Moura*

עשרת
הדיברות DEZ
MANDAMENTOS

BASEADO NA RECOLHA DE SAMUEL SCHWARZ, 1926
SHEMOT 20 (ÊXODO 20)

א. 1

אנכי ה'

EU SOU O TEU DEUS E SENHOR,
DEUS DUM PODER INFINITO
QUE, PIEDOSO, TE SALVEI
DO CAPTIVEIRO DO EGYPTO.

EU SOU *HASHEM*, TEU DEUS, AQUELE QUE TE TIROU DA TERRA
DO EGIPTO, DA CASA DA ESCRAVIDÃO.

ב. 2

לא יהיה

NÃO TERÁS ALHEIOS DEUSES,
QUE EM MIM TENS O SUMO BEM;
AMA-ME, COMO A TI MESMO,
E AO TEU PRÓXIMO TAMBÉM.

NÃO RECONHECERÁS OS DEUSES DE OUTROS NA MINHA PRE-
SENÇA. NÃO FARÁS NENHUMA IMAGEM TALHADA NEM NENHUMA
SEMELHANÇA DAQUILO QUE ESTÁ ACIMA, NOS CÉUS, NEM EM
BAIXO, NA TERRA, NEM NA ÁGUA DEBAIXO DA TERRA. NÃO TE
PROSTRARÁS PERANTE ELES NEM OS ADORARÁS, PORQUE EU SOU
HASHEM, O TEU DEUS, UM DEUS ZELOSO, QUE TEM PRESENTE O
PECADO DOS PAIS SOBRE OS FILHOS ATÉ À TERCEIRA E QUARTA
GERAÇÃO DAQUELES QUE SÃO OS MEUS INIMIGOS; MAS QUE
MOSTRA BENEVOLÊNCIA COM MILHARES DE GERAÇÕES A TODOS
AQUELES QUE ME AMAM E OBSERVAM OS MEUS PRECEITOS.

ג. 3

לא תשא

NÃO TOMARÁS DO TEU DEUS
O SEU SANTO NOME EM VÃO;
E NEM POR ELLE, DEBALDE,
JURES NA MAIS LEVE ACÇÃO.

NÃO TOMARÁS O NOME DE *HASHEM*, TEU DEUS, EM VÃO,
PORQUE *HASHEM* NÃO ABSOLVERÁ NINGUÉM QUE TOME
O SEU NOME EM VÃO.

ד. 4

זכור את

AO SABBADO NÃO TRABALHES,
NEM TU, NEM FILHO, NEM CRIADO,
SANTIFICADO ESTE DIA,
SÓ PARA MIM RESERVADO.

RECORDA O DIA DO SHABAT, PARA O SANTIFICAR. SEIS DIAS
TRABALHARÁS E COMPLETERÁS TODO O TEU TRABALHO,
MAS O SÉTIMO DIA É O SHABAT PARA *HASHEM*, TEU DEUS;
NÃO FARÁS NENHUM TRABALHO, NEM TU, O TEU FILHO,
A TUA FILHA, O TEU ESCRAVO,
A TUA ESCRAVA, O TEU ANIMAL NEM O TEU ESTRANGEIRO
QUE ESTÁ DENTRO DAS TUAS PORTAS; PORQUE EM SEIS DIAS
HASHEM FEZ OS CÉUS E A TERRA, O MAR E TUDO QUE HÁ NELES,
E DESCANSOU AO SÉTIMO DIA. POR ISSO, *HASHEM* ABENÇOOU
O DIA DO SHABAT E SANTIFICOU-O.

ה. 5

כבד את

HONRARÁS TEU PAI E MÃE,
COM PARTICULAR DEVER;
SÃO PESSOAS RESPEITÁVEIS,
PORQUE TE DÉRÃO O SER.

HONRA A TEU PAI E A TUA MÃE. PARA QUE SE PROLONGUEM
OS TEUS DIAS SOBRE A TERRA QUE *HASHEM*, TEU DEUS, TE DÁ.

ו. 6

לא תרצח

IRADO, NÃO MATARÁS
O TEU PRÓPRIO SEMELHANTE,
E NÃO CONSERVES JAMAIS
O ODIO, NEM POR INSTANTE.

NÃO MATARÁS.

ז. 7

לא תנאף

COM CASTIDADE SERÁS
MODESTO EM TUAS ACÇÕES,
SEM MANCHARES A TUA ALMA
COM OBSCENAS CORRUPÇÕES...

NÃO COMETERÁS ADULTÉRIO.

ח. 8

לא תגנב

NÃO FURTARÁS. PORQUE O FURTO,
DE PROPÓSITO E VONTADE,
É UM CRIME ABOMINÁVEL
QUE REVOLTA A SOCIEDADE.

NÃO ROUBARÁS.

ט. 9

לא תענה

CONTRA O PRÓXIMO NÃO FALLES,
DE TODOS DIZENDO BEM,
NEM COM FALSO TESTEMUNHO
JAMAIS INSULTES ALGUÉM.

NÃO PRESTARÁS FALSO TESTEMUNHO CONTRA O TEU PRÓXIMO.

י. 10

לא תחמוד

NEM POR LEVE PENSAMENTO,
DESEJARÁS A MULHER
QUE NÃO SEJA A TUA PRÓPRIA
INTENTANDO-A CORROMPER...

NÃO COBIÇARÁS, ENFIM,
AQUILO QUE NÃO FOR TEU.
CONTENTA-TE COM OS BENS
QUE A PROVIDÊNCIA TE DEU

NÃO COBIÇARÁS A CASA DO TEU PRÓXIMO; NÃO COBIÇARÁS
A MULHER DO TEU PRÓXIMO, O SEU SERVO, A SUA SERVA,
O SEU BOI, O SEU JUMENTO, NEM NADA QUE PERTENÇA AO
TEU PRÓXIMO.

(Retirado do Livro “Tora” de Luís Filipe Sarmento)

1 Então Moshé (Moisés) e os Filhos de Israel quiseram cantar esta Canção ao Eterno, e disseram o seguinte:
Cantarei ao Eterno, porque Ele se exaltou sobre o arrogante, tendo arroja-

Livro do Êxodo

15:1-20

do o cavalo juntamente com o seu cavaleiro ao mar.

2 O poder e a valentia de Deus foi uma salvação para mim. Este é o meu Deus e eu construir-Lhe-ei um Santuário; o Deus do meu pai eu O exaltarei.

3 O Eterno é o Senhor da guerra. O seu Nome é O Eterno.

4 As carroças e o exército do Faraó arrojou ao mar, e o mais escolhido dos seus oficiais afogou-se no Mar Vermelho.

5 Águas profundas os cobriram; desceram às profundidades como uma pedra.

6 A Tua dextra, Oh Eterno, glorifica-se com força; a Tua dextra, Oh Eterno, destruiu o inimigo.

7 Na Tua grande Majestade, aniquilas o inimigo; envias a Tua ira, que os consome como palha.

8 Com um sopro das Tuas fossas nasais as águas amontoaram-se; erguidas como um muro as águas correntes pararam, e as águas profundas congelaram-se no coração do mar.

9 O inimigo disse: «Perseguirei, darei alcance, e dividirei os despojos; saciarei a minha cobiça com eles. Desembainharei a minha espada, a minha mão os destruirá».

10 Tu sopraste com o Teu vento, e o mar envolveu-os; afundaram-se como chumbo nas águas embravecidas.

11 Quem é como Tu entre os poderes celestiais, O Eterno! Quem é como Tu, poderoso em santidade, imponente aos louvores, Fazedor de maravilhas!

12 Tu estendeste a Tua dextra: a terra devorou-os.

13 Com a Tua benevolência guiaste este povo que resgataste; Tu os conduziste com o Teu poder à Tua sagrada morada.

14 Os povos ouviram e agitaram-se; o terror dominou os habitantes da Palestina.

15 Então, os chefes de Edom conturbaram-se e um tremor dominou os poderes de Moab, todos os habitantes de Canaan se dissolveram.

16 O temor e o terror caíram sobre eles, perante a grandeza do Teu braço emudeceram-se como a pedra; até que passasse o Teu povo. Oh Eterno, até que passasse este povo que Tu adquiriste.

17 Tu os trarás e os implantarás no monte da Tua herdade, no alicerce do Teu lugar de residência que Tu, O Eterno, fizeste; o Santuário, Senhor, que as Tuas mãos estabeleceram.

18 O Eterno reinará por toda a eternidade!

19 Quando a cavalaria do Faraó entrou com as suas carroças e com os seus cavaleiros no mar, e O Eterno fez verter as águas do mar sobre eles, os Filhos de Israel andaram sobre terra seca no meio do mar.

20 Miriam, a profetisa, irmã de Aarão, tomou o seu tambor na mão e todas

as mulheres foram atrás dela com tambores e dançando.

21 Miriam falou com elas: «Cantai ao Eterno, porque Ele é exaltado sobre o arrogante, tendo arrojado o cavalo juntamente com o seu cavaleiro ao mar».

22 Moshé (Moisés) fez com que Israel partisse do Mar Vermelho e saíram para o Deserto de Sur; andaram durante três dias no deserto, mas não encontraram água. **23** Chegaram a Mara, mas não puderam beber as águas de Mara, porque estavam amargas; por isso, lhe chamaram Mara. **24** O povo queixou-se a Moshé (Moisés), dizendo: «O que beberemos?»

25 Ele clamou perante O Eterno e O Eterno mostrou-lhe uma árvore; e atirando-a às águas as águas tornaram-se doces. Ali Ele estabeleceu um decreto e uma ordenança, e ali os colocou à prova. **26** Disse: «Se obedeceres diligentemente à voz do Eterno, teu Deus, e se fizeres o correcto perante os Seus olhos, prestando ouvidos aos Seus preceitos, e observando todos os Seus decretos, então nenhuma das doenças que lancei sobre o Egipto lançarei sobre ti, porque Eu sou O Eterno, o teu Curador».

27 Chegaram a Elim, onde havia doze fontes de água e setenta palmeiras; ali acamparam, junto à água.

Anexo XII | Samuel Schwarz por Inácio Steinhardt *Israel, 2005*

“Completam-se este ano 90 anos desde a chegada a Portugal do engenheiro judeu polaco Samuel Schwarz.

Foi Schwarz quem descobriu e revelou a todo o mundo judaico a existência de uma comunidade secreta cripto-judaica, em Belmonte.

Nascido em Zgierg, na Polónia, em 1880, Samuel Schwarz era filho de um erudito hebraísta, que tomou parte como delegado, no 1º. Congresso Sionista, convocado por Teodor Herzl.

Com a idade de 18 anos, Samuel deixou a casa dos pais para ir estudar engenharia mineira em Paris. Trabalhou depois na Espanha, na Suíça, na Costa do Marfim e na Rússia, onde conheceu sua futura esposa e se casou.

No princípio da 1.ª guerra mundial, o casal foi viver para Orense, em Espanha, e em 1915 estabeleceram-se definitivamente em Portugal.

O seu primeiro trabalho profissional foi nas minas de estanho de Belmonte.

Aí, quando comprava aprovisionamentos para o seu escritório, um comerciante local aconselhou-o confidencialmente a que deixasse de comprar na loja de um seu concorrente.

“Basta que lhe diga que ele é judeu”.

Vindo da Polónia, onde existia uma vida judaica pujante, para Portugal, onde a comunidade judaica reconhecida não excedia algumas centenas de membros, a confidência do comerciante de Belmonte causou-lhe obviamente enorme surpresa.

O problema imediato foi que, tanto como os vizinhos cristãos apontavam a dedo os habitantes “cristãos-novos” de Belmonte, estes escondiam as suas práticas religiosas e negavam veementemente serem judeus.

Schwarz necessitou de muita paciência, muitos conhecimentos da liturgia judaica, e de muito poder de persuasão, para ser reconhecido pelos cristãos-novos de Belmonte como seu correligionário.

Revelou então a sua descoberta em inúmeros artigos e entrevistas na imprensa judaica de todo o Mundo, que, por sua vez, deram lugar a visitas de individualidades importantes e novos relatos em livros e jornais. Excelente poliglota, Schwarz dominava nove línguas.

A sua principal obra “Cristãos-Novos em Portugal no Século XX” foi publicada em 1925, como separata da revista “Arqueologia e História”, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, de que era membro.

Este livro é considerado ainda hoje um clássico e fonte primária de todos os investigadores da história dos cripto-judeus em Portugal moderno.

Traduzido duas vezes em inglês, o livro foi traduzido recentemente também em hebraico e encontra-se no prelo, por iniciativa do Instituto Dinur, da Universidade Hebraica de Jerusalém.

No espólio da sua biblioteca pessoal, uma pequena parte do qual se encontra na Universidade Nova de Lisboa, existe um manuscrito de uma tradução em francês, aparentemente ainda inédita.

Samuel Schwarz foi também um investigador emérito da cultura judaica em Portugal. Entre os trabalhos que publicou, encontra-se a revelação de um documento hebraico, até então inédito, sobre a conquista de Lisboa aos Mouros, vista pelos habitantes judeus de dentro da cidade.

Devem-se-lhe também estudos importantes sobre a localização das judiarias medievais de Lisboa, e uma história da Moderna Comunidade Israelita de Lisboa.

Foi Samuel Schwarz que identificou em Tomar um edifício, que servia de armazém de batatas, e anteriormente de prisão, como tendo sido originalmente uma sinagoga do século XV.

Schwarz adquiriu e recuperou o edifício a suas custas, reuniu nele a maioria das inscrições hebraicas encontradas em território português. Ofereceu-o depois para o acervo cultural português, sob o nome de Museu Abraão Zacuto.

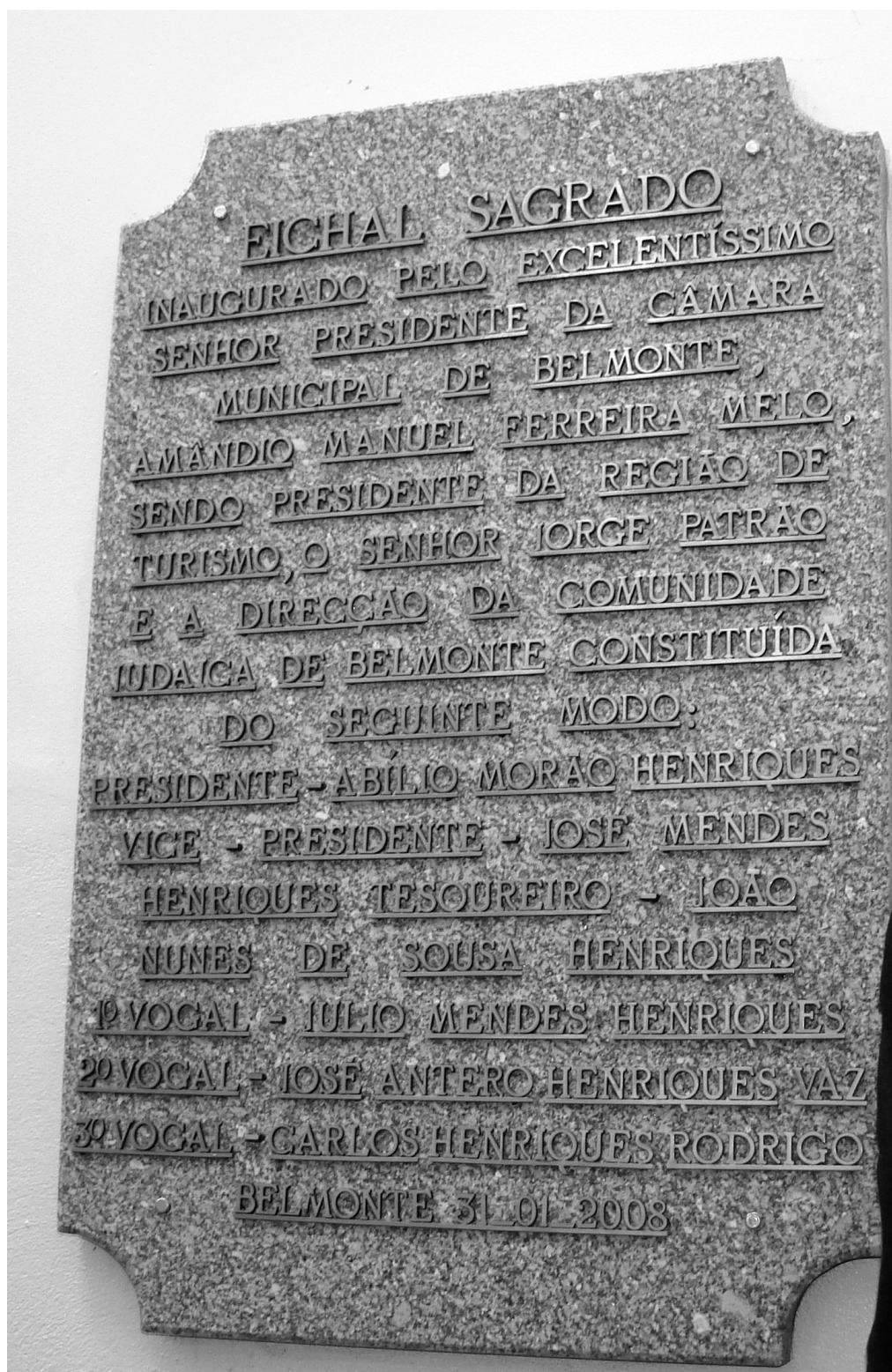
Actualmente a “Sinagoga de Tomar” é um importante atractivo turístico da cidade.

Samuel Schwarz faleceu em Lisboa em 1953.

Este ano foi inaugurado em Belmonte - cuja comunidade cripto-judaica regressou entretanto ao judaísmo normativo - um Museu Judaico, que esclarece aos turistas e visitantes nacionais a história incrível daquela comunidade.

Lamentavelmente, os responsáveis por aquele espaço museológico parece terem esquecido dedicar um sector do museu à figura e história de Samuel Schwarz, a cuja descoberta e obra de investigação Belmonte ficou a dever a divulgação no mundo da sua comunidade judaica.

É uma lacuna imperdoável, que os responsáveis certamente quererão reparar, na altura em que se comemora o 80.º aniversário da chegada de Samuel Schwarz a Belmonte.”



Universidade do Porto
Faculdade de Belas Artes
Mestrado de Design da Imagem
2007 » 2009

Ricardo Moura
(*MDIo7010*)

Porto, Julho 2009